



**CAMILA SOUZA ALVES ANDRADE**

**AS VÁRIAS FACES DA CULTURA:  
UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS ATORES  
CULTURAIS DE LAVRAS**

**LAVRAS-MG  
2018**

**CAMILA SOUZA ALVES ANDRADE**

**AS VÁRIAS FACES DA CULTURA:  
UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS ATORES CULTURAIS DE LAVRAS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Administração Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

**Profa. Dra. Eloísa Helena de Souza Cabral  
Orientadora**

**LAVRAS-MG  
2018**

**CAMILA SOUZA ALVES ANDRADE**

**AS VÁRIAS FACES DA CULTURA:**

**UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS ATORES CULTURAIS DE LAVRAS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Administração Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADA em 07 de Junho de 2018.

Profa. Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral - UFLA

Doutorando Lucas Canestri de Oliveira - UFLA

Profa. Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral  
Orientadora

**LAVRAS-MG  
2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Concluir a graduação não foi uma tarefa fácil, principalmente a partir dos últimos períodos do curso. Por isso, agradeço imensamente a todas as pessoas que passaram por mim e que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui através do apoio, do carinho e até mesmo através do conflito, porque aprendi e amadureci muito a partir de todas as situações.

Primeiramente, agradeço à minha família. Em especial aos meus pais, Márcia e Adilson, que nunca tiveram dúvidas sobre a minha capacidade e sempre se preocuparam imensamente com o meu bem-estar. Ao meu irmão, Caio, que mesmo à distância também me apoiou. Espero poder um dia retribuir tudo o que fizeram por mim.

Ao Isaac: amigo, companheiro, professor. Alguém que me ensinou a ser uma pessoa melhor, mais otimista e confiante e sempre me apoiou em todas as decisões e oportunidades que tive. Esses anos teriam tido muito menos brilho sem você ao meu lado.

A todos os grupos que tive o privilégio de fazer parte: PETi Pública, PROEC, Cafeteria CafESAL, projeto de extensão “Mapeamento Cultural de Lavras” e time de rugby: muito obrigada por todas as experiências que me proporcionaram através do convívio. Aprendi muito sobre trabalho em equipe, disciplina, companheirismo e comprometimento com todos.

À professora Eloisa, que aceitou prontamente ao convite e me orientou mesmo apesar das dificuldades. Aprendi muito com nossa convivência durante todo esse tempo.

Ao Lucas Canestri, pela disposição em fazer parte da banca e por todo o apoio.

Ao José Willer do Prado, que mesmo sem me conhecer, dedicou tempo e me auxiliou imensamente na tabulação dos dados deste trabalho.

Também agradeço à UFLA por tudo que tem me proporcionado em todos esses anos: pela sua estrutura, professores, técnicos e terceirizados. Agradeço especialmente aos professores do DAE: Júlia, Denis, Renato, Dany, Gustavo, Mirelle, Sabrina, entre outros, que contribuíram para a minha formação enquanto administradora pública.

À assistência estudantil da universidade, que me proporcionou apoio financeiro através dos projetos institucionais, além de estadia no alojamento, vulgo “Brejão”, onde também aprendi muito com a convivência com pessoas dos mais diversos tipos.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos que fiz, principalmente os “Estranhos” Mayara, Zé e Paulo, pelos momentos que passamos juntos e por permanecerem presentes, mesmo com a distância.

À Rayne, pelos cafés e reflexões.

Ao pessoal do mestrado em física, que me aceitou como agregada e amiga. Agradeço especialmente ao Isaac, Pedro, Rafa, Eliete, Juliana, Romão, Benta, João e aos professores Tati e Búfalo pela participação no dia da apresentação. Também agradeço muito à professora Tati pelo apoio e reflexões nos momentos finais da escrita do trabalho.

Aos moradores da república Kamoka: Carla, Alector, Anneth, Djony e Lidiane, que me acolheram, me mostraram um pouco da riqueza da cultura africana e fizeram parte da minha família nos últimos meses. Agradeço especialmente à Carla pelo cuidado e empatia.

Por fim, agradeço ao Gustavo Okawa por ter me apresentado a UFLA e o curso de Administração Pública com tanta empolgação. Se não fosse aquela ligação a mais de 5 anos atrás, nada disso teria acontecido.

Muito obrigada a todos vocês!

## RESUMO

No município de Lavras são observadas diversas manifestações culturais. Refletindo sobre o papel dessas manifestações e de seus representantes para o cenário cultural, analisam-se nessa monografia os significados e sentidos atribuídos ao termo cultura expressos pelos atores culturais no referido município. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisados 188 questionários aplicados a artistas, produtores culturais e pessoas atuantes no campo cultural quando do desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”, da Universidade Federal de Lavras. Os significados de cultura atribuídos pelos atores culturais podem ser relacionados às definições acadêmicas e à própria construção do termo cultura, proporcionando entendimento sobre as demandas e expectativas a respeito da cultura na cidade. São identificados diversos significados, que poderão ser utilizados como uma das ferramentas para o reconhecimento e valorização desses atores culturais pelo poder público e pela própria sociedade, possibilitando a construção de políticas públicas mais adequadas para o setor cultural do município e, conseqüentemente, promovendo o desenvolvimento econômico e social na localidade.

**Palavras-chave:** Cultura. Atores Culturais. Políticas Culturais. Mapeamento Cultural.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Tradicional feira da ALAC.....	32
Figura 2 – Forró no Centro de Convivência da UFLA.....	33
Figura 3 – Pátio da Casa da Cultura de Lavras.....	34
Figura 4 - Mapeamento dos atores culturais de Lavras – MG.....	37

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero.....	41
Gráfico 2 - Idade.....	42
Gráfico 3 - Etnia.....	43
Gráfico 4 - Escolaridade.....	44
Gráfico 5 – Possui formação na área.....	44
Gráfico 6 – Área de atuação.....	45
Gráfico 7 – Tempo na área.....	46
Gráfico 8 – Situação profissional.....	47
Gráfico 9 – Cultura é a única fonte de renda.....	47
Gráfico 10 – Situação profissional X Cultura como única renda.....	48
Gráfico 11 – Concepção dos atores culturais.....	50

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Síntese da visão dos autores.....	20
Quadro 2 – Categorias Teóricas.....	38

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 A CULTURA E SUAS VÁRIAS FACES.....	4
2.1 O Conceito de Cultura .....	4
2.2 A atuação do Estado e do Mercado na Cultura no Brasil .....	23
3 METODOLOGIA .....	30
3.1 Contextualização do ambiente de estudo.....	30
3.2 Caracterização e natureza da pesquisa.....	34
3.3 Caracterização da amostra .....	36
3.4 Instrumentos de pesquisa e coleta de dados .....	36
3.5 Procedimentos para a análise dos resultados .....	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40
5 CONCLUSÃO .....	66
REFERÊNCIAS .....	69
ANEXO A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ATORES INDIVIDUAIS ....	74

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas definições podem ser atribuídas ao termo “cultura”, agregando a ela um caráter polissêmico (CUCHE, 1999). Segundo Canedo (2009), uma das definições sobre cultura refere-se a uma valorização do patrimônio cultural imaterial, ou seja, cultura seria tudo aquilo relacionado à expressão de um povo, em sentido mais amplo, como um conjunto de hábitos, crenças e comportamentos apresentados em uma sociedade. No mesmo sentido, pode ser definida como um “conjunto de crenças, costumes, ideias e valores” (THOMPSON, 2011, p. 173). Outra concepção refere-se à cultura como um “fator de desenvolvimento social” pelo qual atividades socioeducativas seriam responsáveis pela “formação política e social dos indivíduos” (CANEDO, 2008, p. 43).

Estudos contemporâneos sobre cultura partem do pressuposto de que “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido” (HALL, 1997, p. 16). É a partir desta visão que se encaixa uma recente concepção a respeito de cultura, entendendo-a, basicamente, como um “padrão de significados incorporados nas formas simbólicas” (THOMPSON, 2011, p. 176).

A compreensão do cenário cultural de uma sociedade é fundamental para que medidas sejam tomadas em benefício da população, pois percebemos que a cultura representa muito sobre a história, valores e manifestações enraizados nas sociedades. Além disso, destaca-se a importância tida pela cultura em relação “à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais” (HALL, 1997, p. 17).

Na mesma direção, também é importante considerar o papel das políticas culturais, uma vez que estas são responsáveis pela “preservação da memória da nação, a formação e difusão artísticas, bem como na economia” (ROMÃO NETTO, 2015, p. 1018). Assim, é fundamental que o poder público e os atores sociais com envolvimento na área cultural reflitam sobre o significado de cultura para estabelecer políticas públicas eficientes que atendam, de fato, às demandas culturais dos indivíduos, percebendo-a, para tal, conforme ressaltado por Calabre (2007, p. 9), como “bem da coletividade”.

Verifica-se que, no Brasil, as políticas públicas na área cultural ainda carecem de maior articulação e eficiência, se comparadas àquelas adotadas em outros países (ROMÃO NETTO, 2015). Há também um impasse sobre a caracterização dessas políticas, considerando “a dificuldade de se encontrar definições claras para a categoria ‘cultura’, bem como uma referência de quais sejam as delimitações percebidas como necessárias para as políticas públicas da área” (ROMÃO NETTO, 2015, p. 1018).

No município de Lavras são percebidas diversas manifestações culturais. Refletindo sobre o papel dessas manifestações e de seus representantes para o cenário cultural, questiona-se neste trabalho quais significados e sentidos atribuídos ao termo cultura podem ser identificados pelos atores culturais no município de Lavras. Como “atores culturais”, entendemos nesta pesquisa os indivíduos diretamente relacionados à condução das manifestações culturais no município, como músicos e produtores musicais, atores, artistas plásticos, poetas, bailarinos e coreógrafos, pintores, grafiteiros e artesãos.

Busca-se apreender sentidos e significados atribuídos pelos assim denominados atores culturais ao serem perguntados sobre sua compreensão a respeito de cultura. Seriam suas compreensões associadas ao sentido artístico e popular do termo? Poderíamos identificar concepções relacionadas ao âmbito social, histórico ou até mesmo econômico nas interpretações desses atores? Cada indivíduo pode possuir uma percepção única e diversa dos outros, sendo ele um ator cultural com envolvimento ativo nas práticas culturais do município, um cidadão que assiste uma manifestação cultural, um agente do poder público que adota medidas em prol da cadeia de cultura de seu município ou qualquer indivíduo com outro tipo de atuação na cultura.

Nessa direção, objetiva-se neste trabalho analisar sentidos e significados atribuídos pelos atores culturais de Lavras ao termo cultura. Para atingirmos este objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1- analisar concepções acadêmicas acerca do conceito de cultura, 2- identificar atores culturais existentes no município de Lavras, 3- identificar a percepção manifestada por cada um desses atores sobre o conceito de cultura e 4- apresentar significados e percepções relativos ao conceito de cultura que possam contribuir para o desenvolvimento da cultura em Lavras.

Para a execução da pesquisa e resolução dos questionamentos anteriormente apresentados, foi feita uma análise do conteúdo de 188 questionários aplicados a diversos atores culturais da cidade de Lavras, através do projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”, da Universidade Federal de Lavras, pelo qual são mapeados e cadastrados no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais do Ministério da Cultura – SNIIC manifestações, artistas e produtores culturais que desenvolvem atividades culturais nesta cidade.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico e abrange uma pesquisa bibliográfica a respeito do desenvolvimento histórico do termo cultura e de alguns dos seus significados. Nesse capítulo também há um breve histórico sobre o desenvolvimento das políticas culturais no Brasil.

O segundo capítulo se refere à metodologia, pela qual são apresentados os procedimentos metodológicos adotados e é descrita a contextualização do ambiente de estudo, a caracterização e natureza da pesquisa, a caracterização da amostra, os instrumentos de pesquisa e coleta de dados e os procedimentos para a análise dos resultados.

O terceiro capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados, bem como o perfil dos atores culturais do município e sua percepção a respeito da cultura.

No quarto capítulo é apresentada a conclusão, que nos permitiu confirmar a diversidade de percepções sobre a cultura e a necessidade de valorização dos atores culturais por parte da sociedade e do poder público.

## 2 A CULTURA E SUAS VÁRIAS FACES

Neste capítulo serão apresentadas algumas concepções teóricas a respeito do conceito de cultura, bem como uma breve apresentação sobre o surgimento e a evolução histórica do termo e sobre o contexto da cultura e das políticas culturais no Brasil.

### 2.1 O Conceito de Cultura

Cultura é um termo com caráter polissêmico (CUCHE, 1999). Isto quer dizer que podem ser atribuídos vários significados à palavra. De acordo com Canedo (2009), a cultura é estudada a partir de várias áreas do conhecimento, sendo trabalhada a partir de diferentes perspectivas e, além disso, seu processo de desenvolvimento também pode ser considerado um dos fatores responsáveis pela complexidade em defini-la.

De acordo com Laraia (2004), o que diferencia a evolução dos humanos e estabelece a diferença com outros animais em relação à natureza é a forma de adaptação. O autor afirma que para que os animais tenham condições de sobrevivência em seu *habitat*, eles passam por um longo processo de adaptação de sua estrutura física, de modo a se adequar ao ambiente em que estão inseridos. Essa adaptação para sobrevivência é diferente no caso dos seres humanos: eles adaptam o seu ambiente às suas demandas para que possam sobreviver, ou seja, desenvolvem sua cultura para a manutenção de sua existência (LARAIA, 2004).

No processo de aquisição da cultura, a humanidade “perdeu a propriedade animal, geneticamente determinada, de repetir os atos de seus antepassados, sem a necessidade de copiá-los ou de se submeter a um processo de aprendizado” (LARAIA, 2004, p. 42). Isso quer dizer que, para os animais, o que influencia seus modos de vida são seus instintos, transmitidos geneticamente, enquanto que para os humanos o que determina o comportamento é a cultura na qual eles estão inseridos e que se refere a todos os aspectos relativos à vida coletiva.

Neste sentido, podemos afirmar que a cultura nos diferencia dos demais seres vivos na medida em que nossa percepção de mundo, nosso comportamento e nosso

convívio são modificados junto à nossa evolução para a coexistência em sociedade. Assim, entende-se que:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção de cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. (SANTOS, 1994, p. 37).

Entendemos, portanto, que o comportamento cultural não deve ser associado a uma origem natural, mas sim a um processo histórico de construção humana da realidade social, que é diferente de acordo com as particularidades de cada sociedade. Para compreendermos os significados da palavra cultura, porém, devemos também entender o processo de formação e desenvolvimento do termo ao longo dos anos (CUCHE, 1999).

A palavra cultura tem origem no verbo em latim *colere*, que significa “cultivo” e “cuidado” (CHAUI, 2008, p. 55). Canedo (2008) complementa que esse cuidado, até o século XVI, se referia ao tratamento de animais ou das colheitas. A partir do século XVIII, o termo cultura voltou a ser disseminado, porém significando civilização no contexto do Iluminismo (CHAUI, 2008).

É nesse período iluminista na França do século XVIII que o termo passou a representar uma ideia oposta à de natureza, sendo a cultura entendida como “a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 1999, p. 21). Prevalencia a ideia de *civilization*, que representava uma forma refinada de se comportar perante a sociedade, produzida pela nobreza através de encontros nos salões da aristocracia da época (MAIA; PEREIRA, 2009). Esta concepção reflete as “ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época” (CUCHE, 1999, p. 21).

Estudos mais sistemáticos sobre o termo também tiveram início na Alemanha do século XVIII, momento em que o país passava por uma separação política, em um contexto onde a cultura era tida como aspecto central para construção de uma identidade e unidade nacional (SANTOS, 1994). Surgiu nessa época, a partir da burguesia alemã, a ideia de *kultur*, que se diferenciava da expressão criada na França, pois representava manifestações que envolveriam sentimentos e comportamentos autênticos e populares (MAIA; PEREIRA, 2009). Neste caso, a cultura pode ser

entendida como algo mais espontâneo, sem sofrer influências dos padrões intelectuais estabelecidos por uma elite cultural, ou seja, o oposto da concepção tida pelos franceses ao relacionar cultura à civilização.

Pode-se afirmar que, enquanto a França, ao já possuir uma nação unificada, apresentava uma visão universalista de cultura, a Alemanha, por não ter naquele período uma unidade nacional, possuía então uma visão particularista sobre cultura (CUCHE, 1999). Isso significa que os processos pelos quais os dois países estavam passando tiveram forte influência em suas concepções.

Zygmunt Bauman (2013) afirma que a cultura, até aquela época, era vista como uma espécie de força que age em prol da estabilidade social, um conjunto de preferências imposto que mantém a estrutura social em seu equilíbrio, em um contexto onde as classes sociais são distintas e isso se reflete em seus gostos, suas escolhas por determinados tipos de artes, de conhecimento e comportamento.

Segundo Cuche (1999) no século XIX e início do século XX na França, a Etnologia, ramo da ciência pela qual o antropólogo se insere na realidade a ser estudada para poder descrevê-la a partir das concepções locais, era vista como um ramo da Sociologia. Uma das explicações para essa visão seria a influência da concepção universalista de cultura existente desde o século XVIII no país. Como consequência, ocorreu uma priorização das questões sociais em detrimento das questões culturais. O autor afirma que o termo cultura era comumente substituído por civilização, e isso fez com que houvesse certo bloqueio ao surgimento descritivo do termo na França até que somente a partir da década de 1930 surgissem trabalhos referindo-se especificamente ao termo cultura.

No século XIX, ocorreu uma evolução dos estudos científicos na medida em que a influência do pensamento e das explicações religiosas sobre os fenômenos naturais era reduzida (SANTOS, 1994). O conceito iluminista de cultura, sinônimo de civilização, foi retomado com os aportes da Antropologia, baseando-se nas ideias de progresso que serviam como ponto de partida para as ideias da Europa capitalista (CHAUI, 2008). Segundo Cuche (1999), enquanto os conceitos oriundos da França e da Alemanha tratavam da cultura de forma normativa ao ditar como ela deveria ser, o termo passou a ser tratado de forma descritiva pelos etnógrafos do século XIX ao tentar descrever o que ela de fato seria.

Edward Tylor, responsável pela primeira definição etnológica de cultura, relata que esta, sinônimo de civilização, pode ser caracterizada como todo um complexo de hábitos e capacidades humanas adquiridas a partir da constituição da sociedade, podendo ser analisada a partir de seus preceitos gerais para o estudo da ação e do pensamento humanos (THOMPSON, 2011).

Tylor também afirma que as sociedades se diferenciam de acordo com o tempo e o espaço, podendo ser a cultura estudada de forma científica, a partir de pressupostos metodológicos, caracterizando uma “cientifização do conceito de cultura” (THOMPSON, 2011, p. 172). Maia e Pereira (2009) ressaltam que, para Tylor, o estudo dos povos primitivos é importante para a compreensão das sociedades modernas, pois aqueles povos representam o início de uma escala de evolução da cultura até os tempos modernos e essa escala é considerada o motivo da existência da grande diversidade de culturas. Pensamentos como os de Tylor podem ser associados a um contexto de abordagens descritivas de cultura, pelas quais há o entendimento que:

A cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade; e o estudo da cultura envolve, pelo menos em parte, a comparação, classificação e análise científica desses diversos fenômenos (THOMPSON, 2011, p. 173).

Thompson (2011) afirma que tais análises podem ser consideradas vagas por carecerem de maiores explicações sobre o método de análise das culturas e, além disso, sua abrangência faz com que a definição de cultura se confunda com a de Antropologia. Cabe ressaltar que, neste contexto, a expansão europeia resultava na incorporação de territórios e disseminação de sua cultura em detrimento daqueles povos dominados, o que causava a preocupação em entender de forma científica as culturas pelas quais a dominação era exercida (SANTOS, 1994). Afinal, entender melhor as culturas dominadas facilitava o processo de legitimação da dominação e disseminação da cultura europeia em outros territórios.

Essa análise sobre as culturas dominadas reflete o etnocentrismo, entendido como um modo de visualizar as demais culturas como inferiores, na medida em que estas sociedades eram comparadas com a sociedade europeia e, caso não possuíssem características semelhantes às do Estado, do mercado e da escrita europeus, eram tidas como primitivas, só podendo alcançar o estágio de evoluídas a partir do momento em

que estes elementos em suas sociedades se iguallassem aos da Europa (CHAUI, 2008). De acordo com Santos (1994), esse pensamento reflete uma hierarquização das culturas, ou seja, um modo de colocá-las em uma espécie de linha de evolução que legitima a dominação europeia, a partir do momento em que a Europa é colocada no topo desta linha, como sendo a mais avançada.

Franz Boas, autor alemão do século XIX, diferentemente de estudiosos que visualizam a cultura de forma universalista e hierárquica, possui uma visão particularista sobre o termo (CUCHE, 1999). Boas se opõe à definição de raça da época, que relaciona padrões entre traços físicos e mentais dos indivíduos, o que o fez desenvolver um conceito de cultura diferente para tentar analisar a diversidade humana: ele afirma que a diferença entre os povos considerados primitivos e civilizados é apenas a cultura adquirida em sua sociedade e não a determinação dada pela sua raça (CUCHE, 1999). Percebe-se que Boas busca estudar as culturas de forma particular e sem atribuir preconceitos ou etnocentrismo, adotando, assim, um relativismo cultural, ou seja, estudando as culturas como sendo únicas e originais e buscando descrever e entender o contexto dos fatos culturais de cada realidade de forma separada e metodológica (CUCHE, 1999).

Contemporaneamente a Franz Boas, que exerceu influência no pensamento americano, o sociólogo Émile Durkheim, na França, visa “compreender o social em todas as suas dimensões e sob todos os seus aspectos, inclusive na dimensão cultural, através de todas as formas de sociedade” (CUCHE, 1999, p. 51). Segundo Cuche (1999), Durkheim afirma que os fenômenos sociais possuem uma dimensão cultural, uma vez que são também simbólicos, que não existe uma natureza diferente entre primitivos e civilizados e que todas as civilizações contribuem para a construção da civilização humana, o que significa que sua concepção de cultura é unitária.

Outro fator a ser considerado sobre o pensamento de Durkheim refere-se ao desenvolvimento de uma teoria da “consciência coletiva”, que trata “das representações coletivas, dos ideais, dos valores e dos sentimentos comuns a todos os seus indivíduos” (CUCHE, 1999, p. 57) e que é responsável por influenciar o comportamento de todos os indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade.

Juntamente a Durkheim e também responsável por estudos etnológicos iniciais na França, está Lucien Lévy-Bruhl, porém, diferentemente de Durkheim, Lévy-Bruhl possui uma abordagem diferencial sobre a cultura, que significa estudar as diferenças

de mentalidade e comportamento entre os povos. Tais diferenças, segundo ele, também não podem ser explicadas através de um suposto processo de evolução que caracterizaria as culturas entre primitivas e civilizadas, mas sim como peculiaridades de cada uma das culturas estudadas. (CUCHE, 1999).

A partir do século XX, os estudos culturais foram aprofundados na medida em que os contatos entre as diferentes culturas iam sendo intensificados, o que não fez, porém, com que uma concepção precisa fosse criada. Pelo contrário, muitos outros sentidos foram desenvolvidos e são disseminados até hoje em dia, uma vez que:

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada (Santos, 1994, p. 19).

Para Chauí (2008), tal variedade de significados atribuídos ao termo cultura é fruto de uma espécie de culpa da cultura europeia por disseminar no século XIX concepções etnocêntricas e imperialistas, somada à formação marxista desenvolvida no período, o que fez com que se passasse a entender que a cultura exprimiria “a ordem humana simbólica com uma individualidade própria ou uma estrutura própria” (CHAUI, 2008, p. 56). A autora comenta que:

A partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte (CHAUI, 2008, p. 56).

Segundo Cuche (1999), nos EUA houve um aprofundamento dos estudos culturais devido à grande diversidade cultural do país, constituído principalmente por imigrantes ou descendentes de imigrantes, diferentemente do que ocorreu na França, que, até a década de 1970, ainda possuía uma visão unitária de cultura, dada a pouca migração existente em seu território. O autor ressalta que os estudos culturais nos Estados Unidos, ao longo de seu desenvolvimento, podem ser categorizados em três

principais correntes: a primeira, herdeira de Franz Boas, analisa a história cultural; a segunda estuda as relações entre a cultura e a personalidade do indivíduo; a terceira entende a cultura como um sistema de comunicações.

Como representantes da primeira corrente, Cuche (1999) cita Malinowski, que propõe um funcionalismo voltado para o estudo do presente das sociedades, uma vez que, segundo ele, as sociedades tendem a manter-se padronizadas ao longo dos anos. Malinowski afirma que uma cultura é composta por elementos que satisfazem as necessidades básicas dos humanos, manifestando-se por meio das instituições, que seriam o objeto de estudo da Antropologia (CUCHE, 1999).

A segunda corrente, que surge a partir da década de 1930, tem por análise principal a influência tida pela cultura no comportamento dos indivíduos. Como representantes estão Ruth Benedict, que afirma a existência de tipos culturais, influenciados pela combinação do comportamento de seus representantes; Margaret Mead, que estuda a influência de uma cultura na personalidade de um indivíduo, a partir dos moldes preestabelecidos pelas instituições educacionais; e Ralph Linton, que analisa a existência de um tipo de personalidade preferido e transmitido por cada cultura como sendo o tipo normal (CUCHE, 1999).

Thompson (2011) afirma que muitos foram os argumentos acerca da utilização de símbolos pela humanidade, que seria um dos traços a distinguir os humanos dos animais, no sentido de que apenas a humanidade é capaz de produzir e receber expressões linguísticas mais complexas. O autor discorre que esse entendimento deu origem a estudos culturais baseados na ordem simbólica da sociedade e que tais estudos têm a preocupação de fazer uma interpretação qualitativa sobre os significados contidos nas práticas humanas ao invés de apenas descrevê-las e encaixá-las em certos padrões sociais. Através da análise de trabalhos como os de Jean Paul Ricoeur e Clifford Geertz, Thompson os sintetiza e apresenta a concepção simbólica sobre o conceito de cultura:

Cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações globais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (THOMPSON, 2011, p. 176).

É a partir desta visão que apresentamos a terceira corrente de estudos norte-americanos sobre a cultura. Cuche (1999) afirma que esta corrente é responsável pelo

estudo da relação entre a cultura e a linguagem. Um de seus representantes é Edward Sapir, que afirma que a cultura deve ser estudada como se estuda uma língua, devendo ser considerada como um conjunto de significados atribuídos através das relações entre os indivíduos.

Stuart Hall (1997) também discorre sobre a importância atribuída à linguagem, que passou a ser considerada como parte dos fatos, atribuindo sentido a eles, e não somente como uma ferramenta para descrevê-los. Segundo o autor, acreditava-se que os objetos precediam às suas denominações, uma vez que, mesmo sem a existência da linguagem eles já existiam. Porém, Hall afirma que as coisas também são compostas pelos significados atribuídos a elas, que as delegam importância e seu papel em nossa sociedade a partir de sistemas de significação, diferenciando-os das demais.

É relevante, também, destacarmos o papel da análise da ação social quando nos referimos sobre as trocas simbólicas, uma vez que a ação social, bem como a linguagem, tem importância tanto para aqueles indivíduos que a praticam quanto para aqueles que a recebem, sendo muitos os sistemas de significado contidos nessas relações, tendo forte influência na regulação da conduta dos indivíduos (HALL, 1997).

[...] Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 16).

A análise social a partir da segunda metade do século XX, caracterizada pelo estudo das formas simbólicas, atribui, mais do que nunca, grande importância à cultura, considerando-a como constituidora da vida social e não mais apenas como uma simples variável. Essa mudança de paradigma é conhecida como a “virada cultural” (HALL, 1997, p. 27). A virada cultural é relacionada às novas concepções desenvolvidas sobre a linguagem, uma vez que tais estudos consideram que “a cultura nada mais é do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (HALL, 1997, p. 29).

Isso quer dizer que a compreensão em relação à linguagem pode ser utilizada para que a vida social seja analisada. Hall (1997) alega ainda que todos os processos associados à vida econômica e social também são dotados de significado e influenciam

as ações e as identidades individuais, o que faz com que devam ser entendidos como práticas culturais e discursivas.

Claude Lévi-Strauss, representante da Antropologia estrutural, fundamenta-se em ideias dos culturalistas americanos, porém, ao considerar a existência de tipos de culturas, bem como os culturalistas, se preocupa em estudar as características como regras universais presentes em todas as sociedades, ou seja, busca encontrar “os elementos universais culturais” (CUCHE, 1999, p. 98). A partir desse estudo, são examinados os fatores responsáveis por criar a diversidade cultural. O autor afirma que:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 19).

Contemporâneo a Lévi-Strauss, Clifford Geertz (2008) afirma que não é possível se definir, mas sim perceber a cultura. Ela não pode ser considerada um conjunto de coisas, não é plenamente localizável. Para o autor, a cultura é um grande mecanismo de produção de significados que são compartilhados publicamente, pode ser material ou imaterial, pode estar em uma manifestação, um gesto, é publicamente compartilhada na sociedade e no espaço público e seu estudo deve buscar entender os indivíduos inseridos em culturas de localidades específicas. Geertz (2008) também afirma a forte relação entre a cultura e a linguagem e, conseqüentemente, a como os humanos dão significado às coisas do mundo.

Geertz afirma que, analogamente, a cultura seria como *softwares* de computadores, colocados em máquinas montadas, que seriam os humanos. Esse *software* não é único, porém nós recebemos apenas a cultura que nos é transmitida e imposta. Isto se refere a um relativismo cultural, pelo qual se entende que não podemos hierarquizar as culturas, pois elas são dinâmicas, sendo produzidas e transformadas e sempre apresentando novos significados que necessitam ser compartilhados publicamente (CULTURA E HUMANIDADES, 2015).

Geertz (2008) busca estudar a cultura a partir de uma dimensão menos ampla e teoricamente mais completa. O autor afirma que, na medida em que o estudo da

etnografia trata de analisar, perceber e interpretar os significados contidos nas ações e nos comportamentos presentes na realidade estudada, o mesmo ocorre com a cultura e o seu estudo:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p. 10).

Percebe-se que Geertz não analisa a cultura como algo amplo e claramente descritível, mas sim como algo complexo que depende da realidade a ser estudada. Segundo o autor, até mesmo as interpretações culturais feitas por etnógrafos não passam de uma interpretação de interpretações já realizadas pelos componentes de determinada sociedade, o que poderia ser representado, como por exemplo, o fato de não compreendermos profundamente os nativos de outros países ao fazermos uma visita a seus territórios, por justamente não estarmos inseridos, desde sempre, naquela realidade e não entendermos completamente os significados que eles atribuem aos comportamentos contidos naquele contexto (GEERTZ, 2008). O autor complementa sua análise afirmando:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p. 4).

Thompson (2011) enriquece os estudos sobre a concepção simbólica de cultura afirmando que as formas simbólicas são transmitidas entre os indivíduos de modo que há diferenças entre as intenções daqueles que as produzem e o seu real significado, havendo limitações em relação a sua interpretação. O autor afirma que as formas simbólicas também dependem da aplicação de certos códigos e regras que variam de acordo com os meios de comunicação empregados e existe uma estrutura articulada pelas quais os significados podem ser interpretados. Outra característica é o aspecto referencial, ou seja, o fato de as formas simbólicas sempre serem utilizadas para fazer referência a algo e sempre estarem inseridas em determinados contextos e produzidas

por determinadas instituições. Além disso, a interpretação das formas simbólicas varia de acordo com os contextos de seus receptores.

Thompson (2011) diferencia os campos de interação das instituições sociais, que também se diferem da estrutura social. O autor afirma, tomando emprestado o conceito de campo desenvolvido por Bourdieu, que os campos de interação envolvem recursos ou capital e regras, convenções e esquemas, sendo adotados pelos indivíduos no decorrer de suas trajetórias; já as instituições sociais são conjuntos relativamente estáveis de regras, recursos e relações, como uma instituição financeira ou uma organização. Por fim, englobando os dois conceitos, Thompson refere-se à estrutura social, que são as “assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam os campos de interação e as instituições sociais” (THOMPSON, 2011, p. 197).

Percebemos, com a afirmação do autor, a dependência da estrutura social para que ocorram as trocas simbólicas, além da influência dessa estrutura sobre a forma como essas trocas são desenvolvidas. De acordo com Thompson (2011), por meio das trocas simbólicas há produção e recepção, e essas trocas são moldadas pelo processo de interpretação dos indivíduos, que varia de acordo com cada realidade da qual esses indivíduos fazem parte. O autor também associa o desenvolvimento das formas simbólicas atuais ao surgimento dos meios de comunicação de massa, afirmando que:

[...] a emergência da comunicação de massa pode ser entendida como o aparecimento, na Europa do século XV e início do XVI, de um conjunto de instituições ligadas à valoração econômica de forma simbólica e a sua ampla circulação no tempo e no espaço. Com o rápido desenvolvimento dessas instituições e a exploração de um novo instrumental técnico, a produção e circulação de formas simbólicas foi sendo, crescentemente, mediada por instituições e mecanismos de comunicação de massa. Esse processo de mediação da cultura tornou-se difuso e irreversível. É um processo que acompanhou o surgimento das sociedades modernas, que constituiu, em parte, essas sociedades e que as definiu, até certo ponto, como modernas. E é um processo que continua a ocorrer à nossa volta e a transformar o mundo em que hoje vivemos (THOMPSON, 2011, p. 212).

Bauman (2013) complementa que o contexto relacionado aos meios de comunicação de massa é caracterizado pelo surgimento de uma nova fase da modernidade, denominada por ele como líquida. O autor afirma que a modernidade líquida é marcada pela modernização constante e dissolução de sua estrutura para o rápido surgimento de outras formas sociais, e, nesse contexto, a cultura não deve mais ser entendida como algo capaz de manter sua resiliência ou de preservar o conjunto de

normas existentes, como um sistema fechado. Neste sentido, a cultura seria um punhado de sugestões, de valores, comportamentos existentes no mundo globalizado, pelo qual se escolhe tudo aquilo que convém para que então novas formas surjam e substituam aquelas existentes, que passam a ser obsoletas com rapidez.

Pode-se dizer que, em tempos líquido-modernos, a cultura (e, de modo mais particular, embora não exclusivo, sua esfera artística) é modelada para se ajustar à liberdade individual de escolha e à responsabilidade, igualmente individual, por essa escolha; e que sua função é garantir que a escolha seja e continue a ser uma necessidade e um dever inevitável da vida, enquanto a responsabilidade pela escolha e suas consequências permaneçam onde foram colocadas pela condição humana líquido-moderna – sobre os ombros do indivíduo, agora nomeado para a posição de gerente principal da “política de vida”, e seu único chefe executivo (BAUMAN, 2013, p. 12).

Podemos perceber que Bauman se refere à cultura como um instrumento do capitalismo e da sociedade moderna para a disseminação de seus propósitos, um conjunto de ofertas, tentações e atrações disponíveis, especialmente produzido para manter o consumo e a concomitante alienação do consumidor, a partir de produtos e serviços facilmente substituíveis e substituídos. A partir disso, há a continuidade do ciclo de renovação e dissolução das formas existentes anteriormente na sociedade, afetando com isso as relações sociais.

Por sua vez, Hall (1997) acrescenta que existe uma homogeneização da cultura nos dias atuais, que ocorre graças aos meios de comunicação e às grandes corporações multinacionais, que acabam por mesclar as culturas e fazer com que elas percam suas características individuais, não podendo ser consideradas separadamente, sem que haja a cultura global como referência. O autor afirma que, apesar dessa homogeneização, é necessário à globalização que ainda existam diferenças entre as culturas:

O resultado do *mix* cultural, ou sincretismo, atravessando velhas fronteiras, pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas (HALL, 1997, p. 19).

Relacionando-se ao contexto da globalização, Canedo (2008) apresenta em seu estudo uma nova concepção a respeito de cultura, entendendo-a como um fator de desenvolvimento humano ao analisá-la sob a perspectiva da Economia da Cultura, que por sua vez “estuda a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas” (CANEDO, 2008, p. 41). A autora afirma que, com o estabelecimento da relação entre a cultura e o mercado, ocorrem

dois processos: o primeiro é o de mercantilização da cultura, com a comercialização da produção cultural existente e consequente geração de lucro; e o segundo, o de culturalização da mercadoria, que faz com que seja atribuído um valor simbólico aos objetos de uso cotidiano.

Nesse sentido, percebemos a relação entre o lazer e a cultura, uma vez que as formas de mercantilização da cultura são comumente associadas aos ambientes de produção de lazer e entretenimento, que por sua vez também são fontes de renda para os indivíduos. Neste contexto e sob a perspectiva econômica, a cultura pode também assumir papel no desenvolvimento social:

Sob esta ótica, as atividades culturais são realizadas com intuítos socioeducativos diversos: para estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente; no apoio ao desenvolvimento cognitivo de portadores de necessidades especiais ou em atividades terapêuticas para pessoas com problemas de saúde; como ferramenta do sistema educacional a fim de incitar o interesse dos alunos; no auxílio ao enfrentamento de problemas sociais, como os altos índices de violência, a depredação urbana, a ressocialização de presos ou de jovens infratores (CANEDO, 2008, p. 42).

Percebe-se que a cultura é um termo muito complexo, com uma história e um desenvolvimento próprios, e tentar defini-la em uma unidade conceitual não seria muito produtivo (BAUMAN, 2012). Considerando esta complexidade, Bauman (2012) afirma que o termo cultura pode ser enquadrado, de acordo com seus contextos históricos de formação, em três concepções diferentes para atribuição de significado, apresentando entre eles características que os diferem e os assemelham: o primeiro entenderia cultura como um conceito hierárquico, o segundo, como diferencial e o terceiro como genérico.

A noção hierárquica de cultura caracterizada por Bauman é aquela desenvolvida no mundo helênico e que entende ser a cultura responsável por definir as características da criatura humana. Sendo assim, “o modelo ideal de cultura estaria presente no indivíduo moralmente bom, belo e mais próximo da verdade da natureza” (PONTES, 2014, p. 426). Segundo Bauman (2012), essa concepção percebe a cultura como algo transmitido, adquirido e separável do ser humano, moldável, de modo que ela seja algo unitário e um potencial a ser alcançado pelos indivíduos pertencentes às sociedades.

Bauman (2012) aponta que, através da concepção hierárquica, são estabelecidos estágios de civilização pelos quais as sociedades devem percorrer, sendo

tomadas como referência sociedades mais evoluídas. O autor também afirma que os conceitos hierárquicos existiram, normalmente, em sociedades movidas pelo conflito e por classes, sendo a cultura utilizada como forma de justificação para a manutenção da ordem social estabelecida, tendo a educação transmitida forte influência nesse processo.

A noção diferencial de cultura, por sua vez, designa as diferenças entre comunidades e tem por características o entendimento de que os seres humanos são moldados a partir da cultura na qual estão inseridos; que a natureza humana e a produção social e cultural devem ser consideradas de forma separada, pois são esferas diferentes; e que a cultura não é um conceito unitário e universal, mas sim algo múltiplo, o que confirma a existência de várias culturas (BAUMAN, 2012).

Neste caso, a cultura, mesmo sendo vista de forma mais ampla, ainda se limita ao estudo da comunidade analisada, sem que haja a busca em compreender prováveis alterações da ordem estabelecida ou até mesmo sem que sejam analisados possíveis contatos e incorporações com outras culturas, reafirmando a lógica de que a mistura entre culturas é algo indesejado (PONTES, 2014).

A terceira e última concepção apresentada por Bauman, o conceito genérico de cultura, a entende como uma característica presente em toda a humanidade, a partir do pressuposto de que só os humanos são capazes de produzir uma socialização a partir do uso de símbolos e de ferramentas (PONTES, 2014). Considerando que a própria concepção diferencial de cultura reconhece a constituição inicial única da cultura, a noção genérica também percebe a diversidade interna à cultura, porém de modo que seja considerada a unidade essencial entre os humanos para que seu estudo seja possibilitado (BAUMAN, 2012). Por fim, o autor estabelece um paralelo entre as três concepções desenvolvidas:

Se a noção hierárquica de cultura coloca em evidência a oposição entre formas de cultura “requintadas” e “grosseiras”, assim como a ponte educacional entre elas; se a noção diferencial de cultura é ao mesmo tempo um produto e um sustentáculo da preocupação com as oposições incontáveis e infinitamente multiplicáveis entre os modos de vida dos vários grupos humanos – a noção genérica é construída em torno da dicotomia mundo humano-mundo natural; ou melhor, da antiga e respeitável questão da filosofia social europeia – a distinção entre “*actus hominis*” (o que acontece ao homem) e “*actus humani*” (o que o homem faz). O conceito genérico tem a ver com os atributos que unem a espécie humana ao distingui-la de tudo o mais. Em outras palavras, o conceito genérico de cultura tem a ver com as fronteiras do homem e do humano (BAUMAN, 2012, p. 89).

Diferentemente de Bauman, Tomás Millán (2000) entende que a cultura pode ser relacionada a quatro diferentes concepções, sendo elas: a humanista, usada para descrever os processos relacionados à criatividade humana, ao refinamento pessoal, às artes, à estética e ao desenvolvimento das faculdades humanas; a antropológica, que entende a cultura como um processo histórico de constituição dos costumes, valores e da tradição, particulares de cada região; a sociológica, relacionada ao progresso intelectual e social da humanidade como um todo e, por fim, a concepção psicanalítica, ligada às pressões intrapsíquicas de origem social que têm reflexos na personalidade dos indivíduos e até mesmo em traumas psíquicos que eles possam desenvolver.

Diante da abrangência de estudos e a dificuldade no estabelecimento de definições mais concretas sobre a cultura, Cuche (1999), ao discorrer sobre diversas concepções acerca de cultura, afirma que os estudiosos encontram-se diante de um paradoxo. O autor afirma que, nas ciências sociais, a cultura tem sido um objeto de críticas ao proporcionar mais questionamentos do que respostas e que certos autores propõem que ela seja relacionada restritamente às “produções intelectuais e artísticas” (CUCHE, 1999, p. 237), uma vez que esta definição é reconhecida e disseminada por muitos meios sociais e profissionais e não é afetada por pensamentos relacionados a preconceitos ou senso comum.

Após apresentarmos, de maneira geral, aspectos sobre a evolução histórica do termo cultura, percebemos a importância de seu estudo. Segundo Santos (1994), através da compreensão da cultura os indivíduos podem se identificar como seres sociais, questionar a realidade social e refletir sobre os motivos pelos quais se constituiu e se mantém em transformação sua própria realidade. O autor afirma que o estudo da cultura também possibilita a supressão de preconceitos devido ao entendimento sobre as “práticas, costumes, concepções e as transformações” de determinada sociedade (SANTOS, 1994, p. 8).

Nesse sentido, percebemos também a influência das relações de poder nas sociedades e a forma como elas servem como um fator de segregação. De acordo com Santos (1994), não há como discutirmos a cultura sem discutirmos tais relações existentes na sociedade, uma vez que as buscas pelo entendimento da cultura surgiram a partir das próprias relações de poder.

A cultura em nossa sociedade não é imune às relações de dominação que a caracterizam. Mas é ingênuo pensar que, se a cultura comum é usada para fortalecer os interesses das classes dominantes, ela deve ser por isso jogada fora. O que interessa é que a sociedade se democratize, e que a opressão política, econômica e cultural seja eliminada. A cultura é um aspecto de nossa realidade e sua transformação, ao mesmo tempo a expressa e a modifica (SANTOS, 1994, p. 64).

O poder “é a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses: um indivíduo tem poder de agir, poder de intervir em uma sequência de eventos e alterar seu curso” (THOMPSON, 2011, p. 199) e essa capacidade pode ser considerada tanto na esfera individual, quanto no âmbito dos grupos ou instituições. Thompson (2011) afirma que as relações de poder variam de acordo com a posição que um indivíduo possui em um campo ou em uma instituição, e que uma situação de dominação ocorre quando tais relações são assimétricas.

Para Marilena Chaui (2008), as relações de poder se intensificaram quando os modos de vida transitaram da comunidade para a sociedade junto ao surgimento do capitalismo. A autora explica que na comunidade, anterior ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, havia uma relação mais próxima entre os indivíduos, um modo de vida integrado onde todos visavam o bem comum, enquanto que na sociedade moderna surge a ideia de separação da vida privada e da vida coletiva e se intensifica a busca pelos interesses individuais. A autora afirma que “a marca da sociedade é a existência da divisão social, isto é, da divisão de classes”, o que dificulta o uso abrangente da cultura como “expressão da comunidade indivisa” (CHAUÍ, 2008, p. 58).

A partir dessa divisão de classes originada com o desenvolvimento da sociedade moderna e com o modo de produção capitalista, surge a ideia de divisão cultural entre a “cultura formal” e a “cultura popular” (CHAUÍ, 2008, p. 58). As culturas populares são “culturas de grupos sociais subalternos” sendo formadas em “uma situação de dominação”, e são “culturas de contestação” (CUCHE, 1999, p. 149). Podemos, então, perceber que o estabelecimento das classes sociais e da própria segregação de significados atribuídos à cultura tem forte conexão com as relações de poder existentes na sociedade moderna.

Chauí (2008) aponta três concepções acerca de cultura popular reproduzidas ao longo dos anos: a primeira, surgida no Romantismo do século XVIII, concebe a cultura popular como “cultura do povo bom, verdadeiro e justo, ou aquela que exprime

a alma da nação e o espírito do povo”; a segunda, da Ilustração Francesa do século XIX, a trata como “resíduo de tradição, misto de superstição e ignorância a ser corrigido pela educação do povo; a terceira, que tem origem nos populismos do século XX, enxerga tanto a pureza e a bondade da cultura popular quanto a tradição e atraso que devem ser atualizados por meio de intervenção estatal (CHAUI, 2008. p. 58).

Por sua vez, a cultura formal ou dominante tem por características a legitimação do poder estabelecido e a contraposição com a cultura popular representada pelas manifestações das classes trabalhadoras (CHAUI, 2008). Segundo Cuche (1999), sempre há um trabalho por parte da classe dominante em manter seu poder por meio da cultura dominante, uma vez que a dominação por si só nunca é plenamente garantida.

Em contraposição, Bauman (2013) afirma que não se pode dizer que há indivíduos representantes legítimos de determinado tipo de cultura. Para ele, os gostos individuais podem transitar entre a cultura erudita e a popular, entre aquilo que é denominado vulgar e aquilo considerado refinado. O autor comenta que isso representa tanto as mudanças no comportamento atual da sociedade como também as concepções acerca de cultura do mundo contemporâneo, que, concomitantemente à globalização, foram transformadas e mescladas.

Com o objetivo de proporcionar uma melhor visualização das concepções anteriormente apresentadas, expomos, em seguida, um quadro com a síntese da visão dos autores identificados a respeito de cultura:

Quadro 1 – Síntese da visão dos autores.

AUTOR/CORRENTE	CONCEPÇÃO DE CULTURA
Definição inicial (século XVI)	Cultura como sinônimo de cultivo e cuidado, tendo origem no verbo em latim <i>colere</i> . Relaciona-se ao tratamento das colheitas, agricultura. Exemplo: “cultura da banana”.
Escola francesa (Iluminismo do século XVIII)	Cultura como sinônimo de civilização, refinamento, instrução intelectual. Exemplo: “indivíduo culto”.
Escola alemã (século XVIII)	Cultura como sinônimo das manifestações autênticas e populares que não se relacionam a um padrão estabelecido por certos grupos intelectuais.

Edward Tylor (século XIX)	Cultura como o conjunto de hábitos e costumes que marcam a história da humanidade como um todo. Relaciona-se ao surgimento da Antropologia.
Franz Boas (século XIX)	Adoção de um relativismo cultural ao estudar cada cultura de forma individual, com suas particularidades. Relaciona-se ao Estruturalismo.
Émile Durkheim (século XIX)	Cultura como um conceito unitário, fruto de uma “consciência coletiva” sobre os ideais, valores e sentimentos de todos os indivíduos pertencentes de uma mesma sociedade.
Lucien Lévy-Bruhl (século XIX)	Abordagem diferencial sobre a cultura, ao entender que cada cultura possui uma realidade específica sem que haja um mesmo processo de evolução.
Malinovski (século XX)	Cultura analisada a partir de um funcionalismo voltado para o presente das sociedades, sendo composta por elementos que satisfazem as necessidades básicas dos humanos e manifestando-se por meio das instituições.
Ruth Benedict, Margaret Mead, Ralph Linton (século XX)	Corrente americana de estudo das relações entre cultura e indivíduo pelo qual é assumida a existência de tipos culturais.
John Thompson (síntese das concepções simbólicas – século XX)	Cultura como padrão de significados incorporados nas formas simbólicas pelas quais os indivíduos se comunicam e partilham suas vivências, crenças e concepções.
Edward Sapir, Stuart Hall (século XX)	Cultura como constituidora da vida social, devendo ser estudada juntamente ao estudo da linguagem, uma vez considerada um conjunto de significados atribuídos às relações entre os indivíduos.
Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz (séculos XX e XXI)	Cultura como um conjunto de significados nas relações entre os indivíduos, um conjunto de sistemas simbólicos, teias de significados.
José Luiz dos Santos (século XX)	Cultura como tudo aquilo que diferencia o comportamento humano do comportamento dos animais, que não é instintivo, mas sim produto da história humana enquanto sociedade.
Denys Cuche (século XX)	Cultura como o conjunto de produções artísticas e intelectuais.

<p>Daniele Canedo (século XXI)</p>	<p>Cultura como um fator de desenvolvimento social, no qual atividades culturais são utilizadas com finalidades sócio-educativas diversas, gerando melhoria na qualidade de vida dos indivíduos.</p>
<p>Zygmunt Bauman (século XXI)</p>	<p><b>Noção hierárquica:</b> referente ao mundo helênico. Cultura como um modelo ideal transmitido, adquirido e separável do ser humano, unitário. Assume a existência de estágios de civilização.</p> <p><b>Noção diferencial:</b> existência de várias culturas diferentes entre si, que também diferem da natureza dos indivíduos.</p> <p><b>Noção genérica:</b> cultura como o que difere os humanos dos demais animais, toda produção humana a partir da constituição da sociedade.</p>
<p>Tomás Millán (século XXI)</p>	<p><b>Concepção humanista:</b> cultura como os processos de criatividade humana e refinamento pessoal, expressões artísticas e desenvolvimento das faculdades humanas.</p> <p><b>Concepção antropológica:</b> cultura como um processo histórico de constituição dos costumes, valores e da tradição, particulares de cada região.</p> <p><b>Concepção sociológica:</b> cultura como o progresso intelectual e social da humanidade como um todo.</p> <p><b>Concepção psicanalítica:</b> cultura relacionada às pressões intrapsíquicas de origem social que têm reflexos na personalidade dos indivíduos e até mesmo em traumas psíquicos que possam ser desenvolvidos.</p>
<p>Marilena Chauí (século XX)</p>	<p><b>Cultura popular:</b> expressão da alma da nação, espírito do povo bom (Romantismo do século XVIII); mistura de tradição, superstição e ignorância de um povo (Ilustração Francesa do século XIX); ou mistura de pureza e bondade das manifestações populares à tradição e atraso a serem suprimidos por meio de intervenção estatal (populismos do século XX).</p> <p><b>Cultura formal/dominante:</b> contraposta às manifestações populares, representa a legitimação do poder das classes dominantes, caracterizada pelo refinamento de gostos.</p>

Fonte: Autora (2018).

Considerando também a forte relação entre a cultura e as relações de poder, julgamos ser necessário o estudo das formas pelas quais a cultura é governada. De acordo com Hall (1997), a cultura possui centralidade nas questões que envolvem a regulação social, a moralidade e o governo da conduta social, principalmente nas

sociedades com modernismo tardio. A partir disso, o autor faz o seguinte questionamento:

Por que deveríamos nos preocupar em regular a "esfera cultural" e por que as questões culturais têm estado cada vez mais frequentemente no centro dos debates acerca das políticas públicas? No cerne desta questão está a relação entre cultura e poder. Quanto mais importante - mais "central" - se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural (HALL, 1997, p. 35).

Percebemos a partir da análise de Hall que, quanto maior a centralidade da cultura nos dias atuais, maior o interesse e o poder concedidos a quem a governa e influencia na promoção, no desenvolvimento e na criação de novas culturas. Visando aprimorar nossos conhecimentos em relação a alguns dos atores responsáveis pela proposição e desenvolvimento de ações nessa área, apresentamos na próxima seção um breve histórico sobre a relação entre o Estado, o Mercado e a cultura no Brasil.

## **2.2 A atuação do Estado e do Mercado na Cultura no Brasil**

Segundo Simões e Vieira (2010), no Brasil, as primeiras, porém mínimas intervenções estatais no campo da cultura tiveram início logo após a colonização, a partir de 1816, onde foi instituída uma missão artística europeia no país, criando instituições culturais para influenciar no processo de civilização disseminado pelos colonizadores. Após esse contexto inicial de atuação do Estado na cultura brasileira, são apontados quatro momentos do campo organizacional da cultura no país: o primeiro refere-se à cultura como identidade; o segundo, como ideologia; o terceiro, como estratégia e o quarto, como mercado (SIMÕES; VIEIRA, 2010).

O momento da cultura como identidade no Brasil, segundo Simões e Vieira (2010), refere-se ao período compreendido entre 1920 e 1945, num contexto de urbanização e industrialização do país, pelo qual o Ministério de Educação e Saúde Pública representava o Estado na execução de políticas culturais, de modo a apoiar e influenciar as ações de cultura. A partir de 1920, foram iniciadas campanhas em prol da conservação das cidades históricas (CALABRE, 2007). Esta década foi marcada também por diversas experiências de reformas educacionais e pela criação da

Associação Brasileira de Educação e da Semana de Arte Moderna, em um contexto onde se visava traçar novos rumos para a Nação Brasileira, inspirado pelo então centenário da Proclamação da República (SILVA, 1995).

Durante o Governo Vargas, de 1930 a 1945, foram instituídas as primeiras políticas públicas culturais no país na tentativa de “fornecer uma maior institucionalidade para o setor cultural” (CALABRE, 2007, p. 2), considerando que, até então, não ocorriam intervenções concretas em relação à cultura por parte do poder público e, nesse sentido, poderiam ser criadas instâncias para uma maior valorização e estruturação de ações culturais no país.

De acordo com Silva (1995), ao longo da década de 1930 houve a criação ou a revitalização de instituições públicas visando a consolidação do projeto do governo de construção de uma identidade nacional, como por exemplo o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Instituto Nacional do Livro, o Serviço Nacional do Teatro e programas educativos de cinema e radiodifusão. Junto ao Recenseamento Geral do Brasil em 1940, foram registradas no volume sobre a Cultura Brasileira as intenções por parte do poder público em criar um órgão estatístico direcionado para as áreas de cultura e educação (CALABRE, 2007).

O momento da cultura como ideologia no Brasil, de acordo com Simões e Vieira (2010), compreende o período entre 1945 e 1964, pelo qual prevalecia uma orientação desenvolvimentista e intensificava-se uma sociedade de consumo. Foi instituído em 1953 o Ministério de Educação e Cultura como representante do Estado na cultura, sendo que este passou a ter o papel de “manipulador e influenciador” (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 226) na institucionalização da cultura brasileira, na medida em que ele buscava a consolidação de uma consciência coletiva desenvolvimentista no país, manipulando políticas para que isso ocorresse. Alguns grupos receberam incentivos financeiros do governo, como o Teatro Brasileiro de Comédia (CALABRE, 2007).

Já o mercado passou a aumentar sua participação como financiador das ações culturais, em um contexto onde a imprensa, o teatro, o cinema e a TV possuíam certa dependência financeira em relação a ele (SIMÕES; VIEIRA, 2010). Segundo Calabre (2007), este período foi marcado pelo fortalecimento dos meios de comunicação de massa e pelo fortalecimento da participação e influência do mercado nos meios culturais do país.

O momento da cultura como estratégia compreende o período da ditadura militar, em uma conjuntura de forte repressão popular que teve o Estado como interventor e o mercado como “patrocinador e influenciador” (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 227) nas ações de cultura do Brasil. De acordo com Calabre (2007), em meio a discussões a partir de 1964 sobre a necessidade de desenvolvimento de uma política nacional para a cultura, foi criado em 1966 o Conselho Federal de Cultura, pelo qual foram apresentados planos culturais nos anos de 1968, 1969 e 1973 visando a recuperação de instituições nacionais para que elas passassem a auxiliar no desenvolvimento de novas políticas. Nenhum dos planos, porém, foi integralmente executado. Calabre (2007) ainda alega que, no ano de 1973, foi elaborado um Plano de Ação Cultural para financiamento de eventos culturais, responsável por implementar um forte calendário de eventos e por fortalecer o papel da cultura no país.

A partir de 1974, houve um efetivo fortalecimento do setor cultural com a criação de órgãos estatais como a Fundação Nacional de Arte, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, o Conselho Nacional de Cinema e o Conselho Nacional de Direito Autoral, a partir do cumprimento de metas a partir do Plano Nacional de Cultura, também instituído naquele contexto, além da instituição de conselhos e secretarias de cultura em âmbitos municipais e estaduais (CALABRE, 2007).

O último momento da cultura no Brasil presente na análise de Simões e Vieira (2010) trata da cultura como mercado, compreendendo o período de redemocratização até o ano de 2002. Nesse momento houve a criação do Ministério da Cultura. Naquele período, ocorreu um beneficiamento das leis de mercado através das políticas públicas, acompanhado pela redução da intervenção do Estado nessas políticas (CALABRE, 2007).

Segundo Calabre (2007), o Ministério da Cultura, criado em 1985, sofreu com problemas administrativos e financeiros como a falta de pessoal e de recursos para os programas, além da grande alteração de lideranças no ministério, gerando falta de continuidade das ações. A autora complementa que, devido às dificuldades financeiras, foi criada a Lei Sarney, primeira lei de incentivos fiscais para a cultura. Em 1990, porém, o Ministério foi extinto e a Lei Sarney foi revogada. Em 1991, foi instituído o Programa Nacional de Apoio à Cultura, conhecido como Lei Rouanet, pelo qual novos recursos passaram a movimentar o setor através da ferramenta de renúncia fiscal.

De acordo com Simões e Vieira (2010), uma reflexão a respeito do papel da cultura em nosso país nos indica que o tema atualmente não representa uma prioridade para nenhum dos três setores (Estado, Mercado, Sociedade), apesar da atuação de todos na cultura, e isso se apresenta como fruto de um processo histórico em nossa sociedade. Para os autores, “as ações estatais empreendidas em resposta às pressões do ambiente poucas vezes tiveram um aparato administrativo e profissional capaz de executá-las de forma satisfatória” (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 228). Neste sentido, os autores afirmam que:

O Estado, ao longo do tempo, tanto se ausentou das questões do campo como atuou por meio de suas organizações, de seus representantes e de sua influência sobre outros atores, de forma a direcionar, patrocinar, intervir, manipular, criar e definir a cultura no Brasil. Nesse sentido agiu, mesmo que com ações descontinuadas e pontuais, segundo seu interesse em cada momento. (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 229).

Segundo Simões e Vieira (2010), construiu-se no Brasil um processo de hierarquização cultural na sociedade. Para os autores, não houve uma valorização da cultura popular por parte da elite intelectual responsável pela cultura oficial do país, como também não houve um pleno desenvolvimento de espaços de participação popular: “aquela cultura definida ora pelas elites, ora pelo Estado, deveria ser entendida e consumida por toda a população” (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 233). Os mesmos autores afirmam que este processo modificou o significado de cultura no país e reduziu o pensamento crítico do povo, “promovendo a alienação e conformismo social e direcionando a administração da cultura para uma situação que separa quem produz de quem consome” (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 235).

Segundo Santana (2013), a partir do ano de 2003, houve uma mudança na concepção de cultura adotada pelo governo, ajustada ao novo momento político do país, o que impactou nas políticas culturais desenvolvidas no período. A autora alega que ocorreram também mudanças institucionais no Ministério da Cultura, criando novos setores e fortalecendo instituições já existentes. O Seminário Nacional Cultura Para Todos, em 2003, representou o marco da iniciativa do governo em aprimorar a participação social e garantir maior legitimidade no contexto das políticas culturais, constituindo-se no início do processo de articulação do Plano Nacional de Cultura, que foi instituído entre 2003 e 2004, nos dois primeiros anos daquele governo (SANTANA, 2013).

No ano de 2004 foi criado o Programa Cultura Viva, que, ganhando notoriedade nacional e internacional e investimentos, “alargou a base social do Ministério, incorporando comunidades até então desassistidas e sem nenhuma relação cultural com o Estado Nacional brasileiro” (RUBIM, 2015, p. 13), o que representou as intenções democráticas assumidas pelo governo ao manter o diálogo e buscar a participação de comunidades anteriormente desassistidas.

Nos anos de 2005 e 2010 ocorreram as Conferências Nacionais de Cultura, também representando a busca por um maior envolvimento da população, a partir de consultas públicas, pesquisas e outros mecanismos (SANTANA, 2013). Em 2010, foi aprovado pelo Congresso Nacional o Plano Nacional de Cultura, seguido pelo desenvolvimento do Sistema Nacional de Cultura conjuntamente pelos municípios, estados e sociedade civil (RUBIM, 2015). A busca pela consolidação de uma política nacional para a cultura foi um importante foco dado pelo governo, além da ampliação do conceito de cultura atribuído por ele, passando a entendê-la não só como a arte erudita, mas também como toda produção com valor simbólico (SANTANA, 2013).

Santana (2013) afirma que essa ampliação do conceito de cultura possibilitou também a ampliação do acesso às políticas culturais por parcelas marginalizadas da população. Porém, ao dar continuidade a políticas desenvolvidas no governo anterior, ocorridas entre 1999 e 2002, como a Lei Rouanet, além da dificuldade em estabelecer modificações às falhas relacionadas a essa lei, houve um vínculo com ações que deveriam ser melhor desenvolvidas. Conforme complementa Rubim (2015), as fontes de financiamento da cultura continuaram subordinadas às leis de incentivo e as políticas de financiamento apresentaram-se como incompatíveis com aquelas direcionadas à diversidade cultural.

Sendo assim, em consonância com o contexto geral do qual faz parte, ao mesmo tempo que tenta superar desigualdades, empreendendo esforços que resultam em um gradual processo de transformação das heranças nas políticas culturais no Brasil, ainda permanece atrelado às políticas características da gestão anterior, encontrando limites de atuação frente a força gritante do mercado (SANTANA, 2013, p. 52).

De acordo com Rubim (2015), o período compreendido entre os anos de 2011 e 2015 foi caracterizado por uma fase de retrocesso em relação ao patamar atingido pelo Ministério da Cultura entre os anos de 2003 a 2010, o que pode ser explicado por

intervenções e equipes diferenciadas em relação aos dois contextos anteriormente citados:

A forte presença na cena pública se quedou comprometida. O espaço ocupado pela cultura no governo nacional se restringiu. A intensa interação com a sociedade civil e, em especial, com as comunidades culturais, e com a sociedade política, nacional e internacional, ficou debilitada. As políticas culturais subsistiram pela potência de sua assimilação pela sociedade e pela persistência de alguns dirigentes no Ministério, o que tornou irreversível sua continuidade, mas em níveis desacelerados. O Ministério, que havia ocupado um lugar nunca antes alcançado, voltou a patamares que se imaginava estarem superados (RUBIM, 2015, p. 28).

De acordo com Rubim (2015), o Plano Nacional de Cultura foi estruturado de modo que viabilizou sua implantação e o Programa Nacional de Fortalecimento Institucional de Órgãos Gestores de Cultura, de 2012, possibilitou o apoio aos estados e municípios e contribuiu para a constituição de vários de seus planos culturais, porém, a forte ligação com o Sistema Nacional de Cultura, em fase inicial naquele mesmo ano, constituiu-se como empecilho para a implementação do Plano Nacional de Cultura. O autor também afirma que o cenário cultural do governo também sofreu com as carências de recursos destinados para o Ministério da Cultura, o desenvolvimento do Sistema Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Cultura em locais institucionais distintos, a configuração das leis de incentivo e a complexidade atribuída ao campo da cultura após a ampliação de seu significado pelo governo anterior.

A partir do início do ano de 2016, de acordo com Silva e Mello (2017), foi anunciada a junção entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação, desfeita em poucos dias após uma série de manifestações contrárias por parte da população. Os autores, em seu estudo, apontam como hipóteses para a momentânea extinção do Ministério da Cultura fatos sobre o atual contexto brasileiro: a frágil institucionalização da cultura no país, a incompreensão dos atores políticos e da população sobre a importância do papel simbólico, econômico e social da cultura, a retaliação à organização dos artistas por serem estes contrários ao processo de *impeachment* que legitimou o governo iniciado em 2016 e seu caráter de redução do Estado.

Após esta breve descrição histórica sobre a relação entre a cultura, o Estado e o Mercado no Brasil, percebemos que muitas dificuldades foram impostas ao âmbito cultural no país ao longo dos anos, apesar da grande diversidade cultural do país e das

inúmeras possibilidades de atuação no cenário cultural, o que faz com que muitos sejam os esforços necessários para a consolidação de políticas públicas culturais de qualidade que atendam à nossa população heterogênea de forma democrática.

Segundo Calabre (2013), considerando a constante escassez de recursos financeiros enfrentada pelo setor público, a cultura por muitas vezes acaba recebendo menor valorização e prioridade, o que faz com que dificuldades sejam impostas à estruturação do setor cultural do país. A autora afirma que, porém, tal visão vem sendo, aos poucos, alterada, uma vez que estamos vivenciando um período de institucionalização do setor cultural principalmente em âmbito municipal, “com a criação de secretarias (mesmo conjuntas com outras políticas), de conselhos de cultura, de fundações, de fundos de financiamento e de busca de formação mais qualificada para seus gestores” (CALABRE, 2013, p. 9).

Por fim, cabe ressaltar que entre os desafios impostos à cultura no país estão as relações de poder compreendidas entre Estado e Mercado, dependentes entre si, e o envolvimento e a consciência da população a respeito da importância da cultura e do fomento de ações para a valorização cultural. Calabre (2013) afirma que há também o problema da falta de lugares especializados para a capacitação dos gestores e as contínuas trocas de gestão no poder público que dificultam a continuidade das políticas. A autora afirma que:

[...] Ao valorizar as múltiplas práticas e demandas culturais, o Estado está permitindo a expressão da diversidade cultural. Ao considerar as demandas, incluindo-as no conjunto das políticas, mas extrapolando-as, o Estado estará cumprindo o papel de permitir o acesso às mais diversas formas e linguagens artísticas, realizadas de forma indiferenciada, contribui para a diminuição das desigualdades históricas vivenciadas pela sociedade brasileira ao longo dos séculos (CALABRE, 2013, p. 9).

Após esse breve histórico sobre o desenvolvimento das políticas culturais no Brasil, serão apresentados, no próximo capítulo, os métodos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

### **3 METODOLOGIA**

Neste capítulo serão apresentados as técnicas e os métodos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, que tem por características a abordagem qualitativa e o uso dos meios bibliográfico e documental.

#### **3.1 Contextualização do ambiente de estudo**

Este trabalho tem como base o projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”, da Universidade Federal de Lavras, pelo qual são mapeados os atores e eventos culturais do município, sendo estes posteriormente cadastrados no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) do Ministério da Cultura. Busca-se, com o projeto, um diagnóstico em relação aos aspectos socioculturais e artísticos que possam contribuir para a construção de práticas de gestão cultural do município.

O ambiente de pesquisa é o município de Lavras, localizado ao sul do estado de Minas Gerais, na mesorregião do Campo das Vertentes, a 237 quilômetros de distância da capital, Belo Horizonte. De acordo com a Prefeitura Municipal de Lavras (2017), os primeiros moradores da região surgiram no ano de 1729, e, em seguida, o até então arraial se tornou a Vila de Lavras em 13 de outubro de 1831, tornando-se uma cidade a partir da Lei Provincial número 1510 em 20 de julho de 1868.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), o município possuía em 2017 uma população estimada de 102.124 pessoas, uma unidade territorial de 564.744 km<sup>2</sup> e um índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,782. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), o município está situado em uma faixa de Desenvolvimento Humano Alto.

A renda per capita média de Lavras teve um aumento de 104,20% nas duas últimas décadas; a proporção de pessoas pobres passou de 26,05% em 1991 para 4,35% em 2010 e o índice de Gini passou de 0,55 em 1991 para 0,50 em 2010 (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013). Isso significa que, no âmbito econômico, houve crescimento da renda média dos habitantes, uma redução da quantidade de pessoas pobres e das desigualdades econômicas do

município, caracterizando um ganho de maior estabilidade econômica para a população nos últimos anos.

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), em relação ao ano de 1991 até o ano de 2010, houve redução na mortalidade infantil e na taxa de fecundidade e aumento de cerca de 10 anos na esperança de vida ao nascer. Sobre o mesmo período, houve aumento do fluxo escolar em todos os anos, acima da média do Brasil e do estado de Minas Gerais. Em 2010, a população economicamente ativa era de 67,2% enquanto que a taxa de desemprego era de 5,4%. Considerando-se os dados anteriormente apresentados, conclui-se que a população de Lavras possui, em média, boas condições de vida, apresentando melhorias em todos os indicadores relativos às condições socioeconômicas.

Percebemos, através da participação e desenvolvimento de atividades abrangidas pelo projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”, que há grande diversidade cultural no município, com a presença de diversos atores e manifestações culturais, dentre eles: associações, grupos, eventos, locais e indivíduos promotores de cultura. Destacam-se grupos de teatro, bandas de música, corais, orquestras, bem como grupos de capoeira, Folia de Reis e Congado. A gestão das políticas e ações culturais do município é de responsabilidade da Secretaria de Esporte, Lazer, Turismo e Cultura, através da Gerência de Cultura.

Uma importante manifestação cultural de Lavras é a tradicional feira da Associação Lavrense dos Artesãos e Arte Culinária, a ALAC, que ocorre aos domingos na Praça Doutor Augusto Silva desde o ano de 1998 e apresenta uma série de artigos de artesanato produzidos pelos artesãos do município, conforme mostrado na Figura 1. A associação, criada em 24 de agosto de 1993, possui atualmente 86 membros. Na mesma praça ocorrem outros tipos de eventos como apresentações artísticas e feiras gastronômicas.

Figura 1 – Tradicional feira da ALAC



Fonte: Lavras.TV, 2016

A Universidade Federal de Lavras (UFLA) também é responsável pela promoção de ações culturais locais. No palco do Centro de Convivência da universidade ocorrem, diariamente, apresentações culturais de representantes tanto da comunidade lavrense quanto da comunidade acadêmica, pelas quais podemos destacar apresentações de bandas, grupos de teatro, capoeira e maracatu. Também são promovidos debates e palestras sobre diversos temas de interesse público e cultural. A Figura 2 demonstra uma das apresentações culturais ocorridas no palco do Centro de Convivência:

Figura 2 – Forró no Centro de Convivência da UFLA



Fonte: Autora, 2018

A organização dos eventos realizados no Centro de Convivência da UFLA é realizada pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da universidade, também responsável pela gestão dos dois museus localizados no campus histórico da UFLA: o Museu Bi Moreira e o Museu de História Natural.

O Museu Bi Moreira abriga cerca de 5.000 artefatos vinculados à história de Lavras e da própria universidade e o Museu de História Natural conta com um acervo de animais taxidermizados, rochas, minerais, e itens diversos sobre Ciências Naturais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, 2017). A cidade também dispõe do Museu Sacro de Lavras, localizado na Igreja do Rosário, contendo obras de arte barroca.

Entre as entidades culturais do município estão a Academia Lavrense de Letras, a Associação Lavrense dos Artesãos e Arte Culinária, a Banda de Música do 8º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, a Banda Euterpe Operária, o Coral Vozes do Campus, a Escola de Música de Lavras, a Orquestra de Câmara da Universidade Federal de Lavras, o Lions Club, as Meninas Cantoras de Lavras, o Rotary Club e o Rotaract Club.

Sobre os bens culturais protegidos por tombamento, podemos citar a Igreja do Rosário, as estátuas “O agricultor”, “Ceres 1 – Deusa da Agricultura, da Terra e da Fertilidade” e “Ceres 2 – Deusa da Agricultura, da Terra e da Fertilidade”; o prédio da Casa da Cultura; o prédio do Museu Bi Moreira; as praças Doutor Augusto Silva e Leonardo Venerando Pereira; o prédio da Escola Municipal Álvaro Botelho; o prédio da Estação Ferroviária “Costa Pinto”; os galpões da antiga Rede Ferroviária Federal e o prédio da Escola Estadual “Firmino Costa” (LAVRAS 24 HORAS, 2009).

A Casa da Cultura de Lavras está localizada em um prédio histórico que a partir de 1907 sediou o Fórum de Lavras, a agência dos Correios, os serviços de radiotelegrafia, a Prefeitura Municipal e a Câmara Municipal, e, a partir do ano de 1984, transformou-se em Casa da Cultura e passou a ser ambiente de diversas manifestações culturais até os dias atuais (TORRES, 2014). A Figura 3 demonstra o pátio da Casa da Cultura de Lavras:

Figura 3 – Pátio da Casa da Cultura de Lavras



Fonte: Jornal de Lavras, 2018

### 3.2 Caracterização e natureza da pesquisa

Este trabalho possui abordagem qualitativa, pela qual se busca analisar a percepção dos atores culturais de Lavras sobre o conceito de cultura, de modo a

interpretar os significados atribuídos por esses indivíduos e categorizá-los, além de apresentar significados que possam auxiliar o desenvolvimento da cultura no município de Lavras. Esta abordagem torna-se necessária na medida em que “buscamos compreender a perspectiva dos participantes [...] sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 376).

Considerando a finalidade desta pesquisa, podemos defini-la como sendo descritiva, uma vez que o cunho descritivo “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno” ou então visa “estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza” (VERGARA, 2014, p. 42). Este tipo de pesquisa engloba “as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2010, p. 28). Sendo assim, intenciona-se, juntamente à análise qualitativa da percepção dos atores culturais de Lavras a respeito do conceito de cultura, realizar uma descrição dos resultados obtidos, relacionando-os à teoria apresentada.

Quanto aos meios, este trabalho utiliza, em um primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica visando à identificação de concepções teóricas a respeito da temática cultural. A revisão bibliográfica, segundo Vergara (2014), ocorre através do estudo do conteúdo de publicações de acesso público. Tal revisão se apresenta necessária para a discussão a respeito de definições apresentadas sobre o conceito de cultura e sobre a relação entre o Estado, o Mercado e a cultura ao longo dos anos no Brasil.

Ainda quanto aos meios, esta pesquisa também utiliza o método documental para a análise de conteúdo dos questionários aplicados através do projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”. Este método torna-se adequado uma vez que a fonte de dados para a pesquisa se baseia em “documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (MARKONI; LAKATOS, 2010, p. 157). Cabe ressaltar que os dados se caracterizam como fontes primárias em relação ao projeto, uma vez que não foram analisados de forma semelhante anteriormente.

### **3.3 Caracterização da amostra**

Esta pesquisa se utiliza de informações e dados coletados pelo referido projeto entre junho de 2016 e janeiro de 2018, o que significa que não é feito o uso de uma amostra específica. São analisados os dados obtidos através dos questionários aplicados aos atores culturais do município, como músicos e produtores musicais, atores, artistas plásticos, poetas, bailarinos e coreógrafos, pintores, grafiteiros e artesãos. Busca-se, principalmente, analisar qual a percepção e significados atribuídos pelos assim denominados atores culturais a respeito de cultura. O universo da pesquisa abrange 188 atores culturais do município de Lavras, tendo sido identificados de acordo com sua acessibilidade, em eventos culturais ou outros tipos de buscas e contatos realizados pelos integrantes do projeto.

### **3.4 Instrumentos de pesquisa e coleta de dados**

Visando o mapeamento dos atores culturais, são aplicados, durante a vigência do projeto de extensão, questionários para a coleta e formação de um banco de dados, além de informações necessárias para o cadastro desses atores no SNIIC. São aplicados dois tipos de questionários: o primeiro é responsável pela coleta informações a respeito dos atores culturais, sendo eles atores individuais; o segundo trata dos grupos e instituições culturais. O foco desta pesquisa são os dados relativos aos atores individuais.

Os instrumentos de coleta de dados, questionários aplicados no período de junho de 2016 a janeiro de 2018, foram viabilizados a partir de entrevistas semiestruturadas. Os questionários, elaborados pelos integrantes do projeto, são compostos pela coleta dos dados pessoais e profissionais dos atores culturais e por questões para a definição do perfil dos mesmos em relação ao cenário cultural do município, as atividades por eles desenvolvidas e sua percepção a respeito da definição de cultura. O modelo do questionário específico para indivíduos, artistas e agentes culturais, ou seja, para os atores individuais, encontra-se disponível no Anexo A deste trabalho.



apresentamos o Quadro 2 com as categorias teóricas, base para análise e discussão dos resultados.

Quadro 2 – Categorias Teóricas

<b>CATEGORIA TEÓRICA</b>	<b>AUTOR/CORRENTE</b>	<b>CONCEITO DE CULTURA</b>
CULTIVO	Definição inicial (século XVI)	Cultura como sinônimo de cultivo e cuidado, tendo origem no verbo em latim <i>colere</i> . Relaciona-se ao tratamento das colheitas, agricultura. Exemplo: “cultura da banana”.
ERUDIÇÃO	Escola francesa (Iluminismo do século XVIII)	Cultura como sinônimo de civilização, refinamento, instrução intelectual. Exemplo: “indivíduo culto”.
MANIFESTAÇÕES POPULARES	Escola alemã (século XVIII)	Cultura como sinônimo das manifestações autênticas e populares que não se relacionam a um padrão estabelecido por certos grupos intelectuais.
CONSTRUÇÃO COLETIVA DA SOCIEDADE	José Luiz dos Santos (1994)	Cultura como tudo aquilo que diferencia o comportamento humano do comportamento dos animais, que não é instintivo, mas sim produto da história humana enquanto sociedade.
EXPRESSÕES INTELLECTUAIS E ARTÍSTICAS	Denys Cuche (1999)	Cultura como um conjunto de produções intelectuais e artísticas.
TRADIÇÃO	Tomás Millán (2000)	Cultura como um processo histórico de constituição dos costumes, valores e da tradição, particulares de cada região.
VALOR SIMBÓLICO	Clifford Geertz (2008)	Cultura como uma teia de significados. Um complexo de significados atribuídos através das relações entre os indivíduos, como um conjunto de sistemas simbólicos.
AGENTE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	Daniele Canedo (2008)	Cultura como um fator de desenvolvimento social, sendo utilizada para a promoção de estímulos socioeducativos que contribuam para a formação social e política dos indivíduos.

Fonte: Autora (2018)

Em síntese, a análise dos resultados desta pesquisa pode ser descrita por meio das seguintes etapas: primeiramente, as informações coletadas através dos questionários foram transcritas em uma planilha Excel. A partir da planilha, os dados foram tabulados, relacionados e analisados com o auxílio do *software* SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), possibilitando a identificação dos atores sociais atuantes no universo cultural de Lavras, bem como as percepções do significado de cultura tida por eles, que foram associadas às categorias teóricas acima descritas. No próximo capítulo serão apresentados os resultados obtidos e a discussão.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

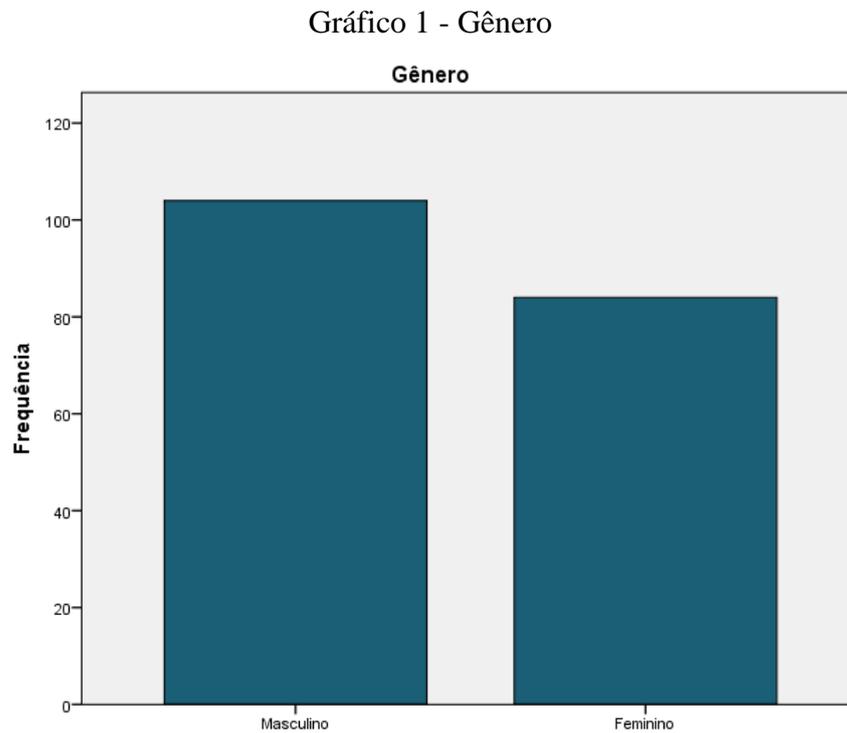
Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados deste estudo, que teve o intuito de analisar os sentidos e significados atribuídos pelos atores culturais do município de Lavras ao serem perguntados sobre sua compreensão a respeito de cultura. Nessa direção, buscou-se cumprir com o objetivo geral de analisar tais sentidos e significados atribuídos pelos atores culturais, bem como cumprir com os objetivos específicos de analisar as concepções acadêmicas acerca do conceito de cultura, identificar os atores culturais existentes no município e a percepção de cultura manifestada por cada um deles, além de analisar significados e percepções relativos ao conceito de cultura que possam contribuir para o desenvolvimento da cultura em Lavras.

Conforme apresentado no capítulo anterior, a partir dos dados coletados a respeito dos atores culturais do município de Lavras, foi possível identificar e analisar o perfil desses indivíduos, incluindo suas informações pessoais e profissionais, mas principalmente no que tange às suas percepções a respeito de cultura, aspecto fundamental neste trabalho. Tal objetivo foi alcançado através da análise dos 188 questionários aplicados pelos integrantes do projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras”, coletados nas duas primeiras etapas de execução do projeto, entre junho de 2016 e janeiro de 2018. A diferenciação dos dados entre etapas não se fez necessária, uma vez que essa divisão foi feita exclusivamente para organização e planejamento internos do projeto, não impactando no resultado final desta pesquisa.

Inicialmente, as informações coletadas através dos questionários foram transcritas em uma planilha Excel, de modo a facilitar a visualização dos dados. A partir da planilha, os dados foram tabulados, relacionados e analisados com o auxílio do *software* SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Apresentamos, a seguir, os dados relativos ao perfil dos entrevistados quanto ao gênero, idade, escolaridade, etnia, situação profissional, origem da renda, área de atuação, tempo de atuação no campo cultural, se possui formação na área de atuação e sua percepção sobre o que é cultura. As informações obtidas através dos questionários nos

permitiram traçar, de forma geral, o perfil dos atores culturais do município bem como analisar a percepção dos mesmos sobre a cultura.

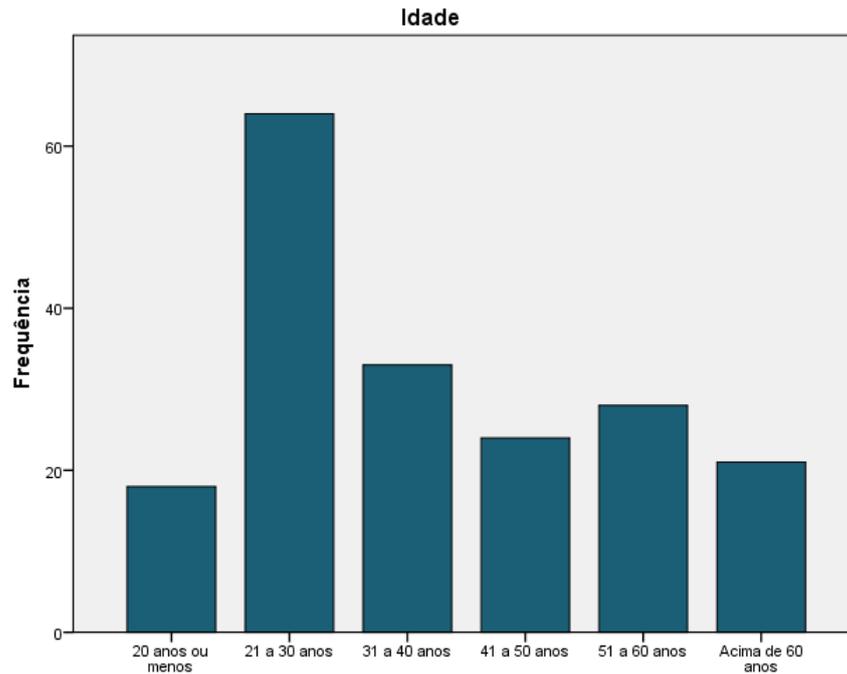
Entre o total dos 188 atores culturais entrevistados, foram identificados 104 homens e 84 mulheres, de acordo com o Gráfico 1.



Fonte: Autora (2018)

Em relação à idade dos indivíduos entrevistados e de modo a facilitar a visualização dos dados, a distribuição entre faixas etárias foi a seguinte: 20 anos ou menos, 21 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos, 51 a 60 anos e acima de 60 anos. Foram encontrados 18 indivíduos com idade entre 20 anos ou menos, 64 indivíduos com idade entre 21 a 30 anos, 33 indivíduos com idade entre 31 a 40 anos, 24 indivíduos com idade entre 41 a 50 anos, 28 indivíduos com idade entre 51 a 60 anos e 21 indivíduos com idade acima de 60 anos, conforme exibido no Gráfico 2. Os dados revelam que a maioria dos entrevistados são jovens com idade entre 21 a 30 anos.

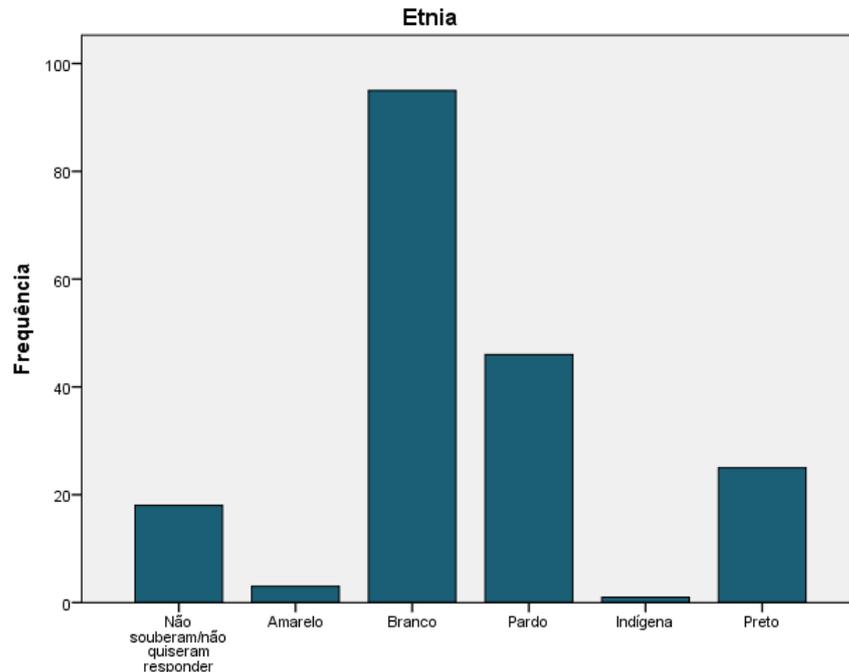
Gráfico 2 - Idade



Fonte: Autora (2018)

Quanto à etnia houve a categorização entre amarelos, brancos, pardos, indígenas e pretos, conforme o Gráfico 3. Do total de 188 indivíduos, três indivíduos se identificaram pela cor Amarela, 95 pela cor Branca, 46 pela cor Parda, um indivíduo caracterizou-se como Indígena e 25 indivíduos como Pretos. A distribuição encontrada possibilitou o entendimento de que há baixa diversidade étnica entre os atores culturais do município, uma vez que a maioria dos entrevistados se identifica como branca. Um total de 18 indivíduos não soube ou não quis responder a essa questão.

Gráfico 3 - Etnia

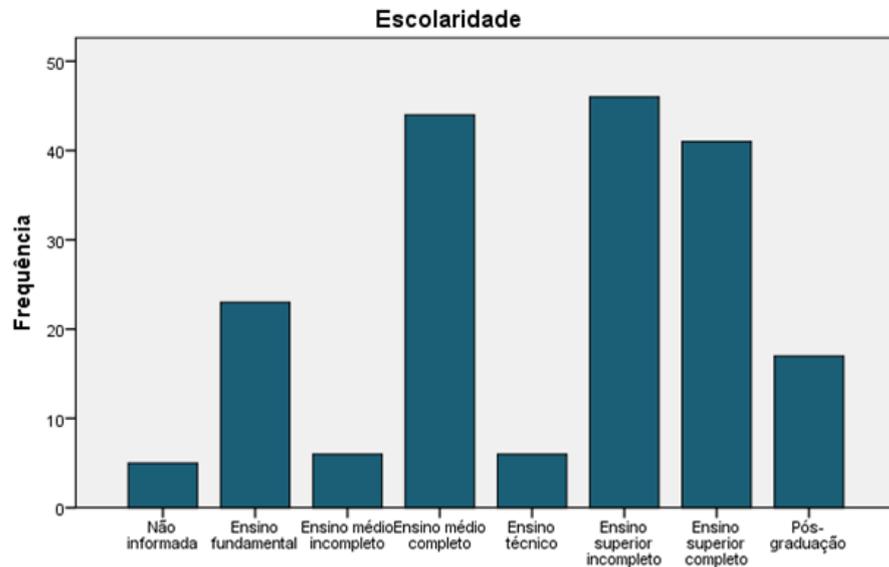


Fonte: Autora (2018)

Quanto à escolaridade, houve a divisão a partir das seguintes categorias: Ensino fundamental, Ensino médio incompleto, Ensino médio completo, Ensino técnico, Ensino superior incompleto, Ensino superior completo e Pós-graduação, conforme o Gráfico 4. Os entrevistados pertencentes às categorias relativas ao Ensino fundamental, Ensino técnico e Pós-graduação não foram subdivididos entre aqueles que possuem a formação completa ou incompleta, uma vez que não foi identificada uma quantidade significativa de indivíduos pertencentes às mesmas.

Assim, foram identificados 23 indivíduos com Ensino Fundamental, seis indivíduos com Ensino Médio incompleto, 44 com Ensino Médio completo, seis indivíduos com Ensino Técnico, 46 com Ensino Superior incompleto, 41 com Ensino Superior completo e 17 com Pós-graduação. Cinco indivíduos não informaram seu grau de escolaridade.

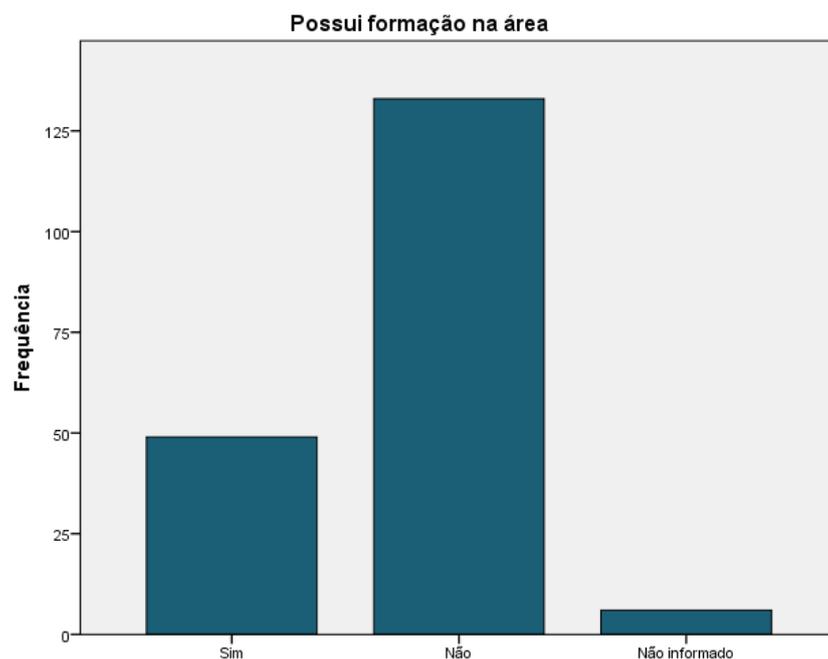
Gráfico 4 - Escolaridade



Fonte: Autora (2018)

Em relação à formação na área de atuação, do total de 188 entrevistados, 49 afirmaram possuir formação na área de atuação, 133 indivíduos afirmaram não possuir e seis indivíduos não responderam ao questionamento, o que nos indica que a maioria dos entrevistados não possui nenhum tipo de curso de profissionalização para atuar na área cultural escolhida (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Possui formação na área

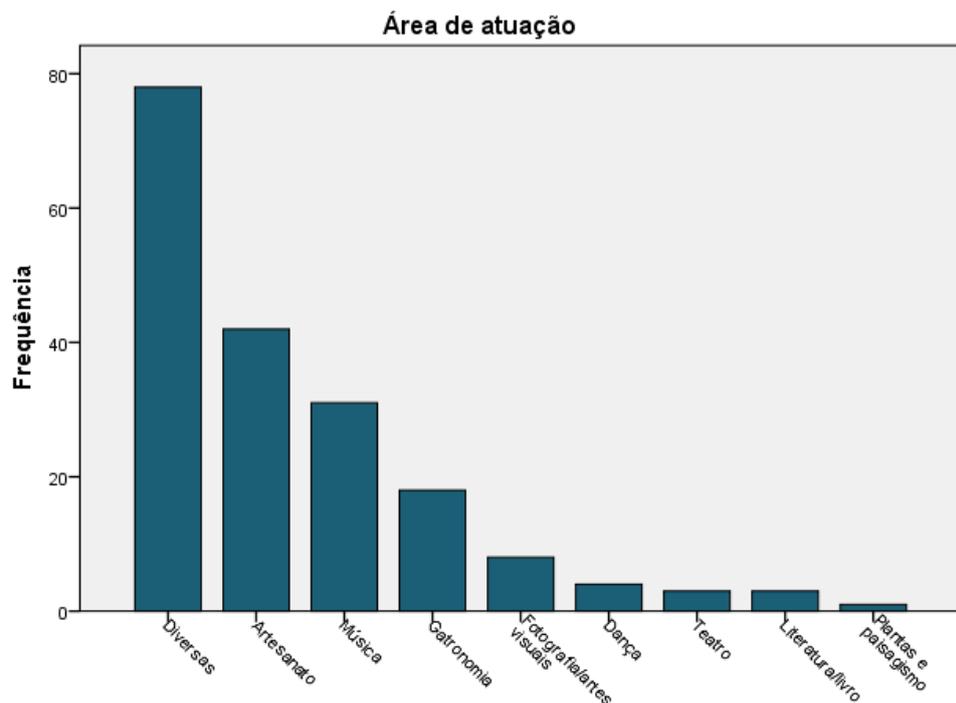


Fonte: Autora (2018)

Para representar a área de atuação dos indivíduos, foi estabelecida uma categoria denominada “Diversas”, uma vez que muitos indivíduos atuam concomitantemente em diversas áreas. Os atores culturais com atuação em apenas uma área foram descritos nas categorias: Artesanato, Música, Gastronomia, Fotografia/artes visuais, Dança, Teatro, Literatura/livro e Plantas e paisagismo, conforme o Gráfico 6. Entre o total de entrevistados, 78 atuam em diversas áreas, 42 indivíduos atuam exclusivamente no Artesanato, 31 indivíduos atuam exclusivamente na Música, 18 indivíduos atuam exclusivamente na Gastronomia, oito indivíduos atuam na Fotografia/artes visuais, quatro atuam na Dança, três no Teatro, três na Literatura/livro e um indivíduo atua em Plantas e paisagismo.

Acreditamos que a grande quantidade de atores culturais encontrados com atuação nas áreas de artesanato e gastronomia se deve ao fato de os mesmos terem sido localizados através do contato com a ALAC, como também por meio da aplicação de questionários na tradicional feira da associação, onde os integrantes se reúnem aos domingos para exposições e comércio. Além disso, entendemos que a existência da associação é uma forma de fortalecimento e manutenção desses atores culturais no município.

Gráfico 6 – Área de atuação

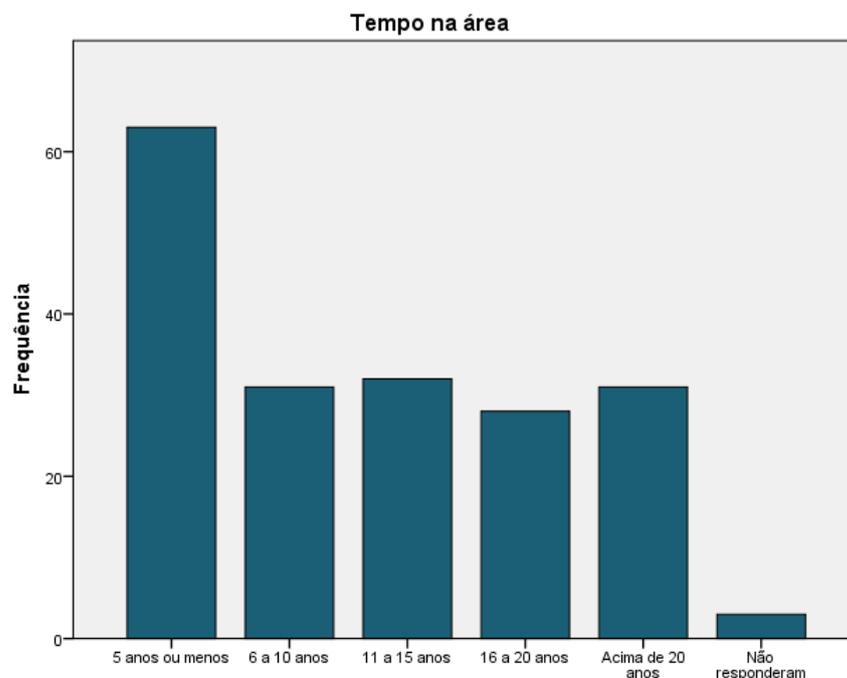


Fonte: Autora (2018)

Os dados relativos ao tempo de atuação na área cultural foram divididos nas categorias: 5 anos ou menos, 6 a 10 anos, 11 a 15 anos, 16 a 20 anos e acima de 20 anos, conforme o Gráfico 7. Dessa forma, foram identificados 63 indivíduos com 5 anos ou menos de atuação na área, 31 indivíduos com atuação entre 6 a 10 anos, 32 indivíduos entre 11 a 15 anos, 28 indivíduos entre 16 a 20 anos e 31 indivíduos acima de 20 anos de atuação. Três indivíduos não responderam.

Percebemos que grande parte dos atores culturais possui menos de cinco anos de atuação em suas áreas, enquanto que o restante se distribui uniformemente entre as demais categorias estabelecidas.

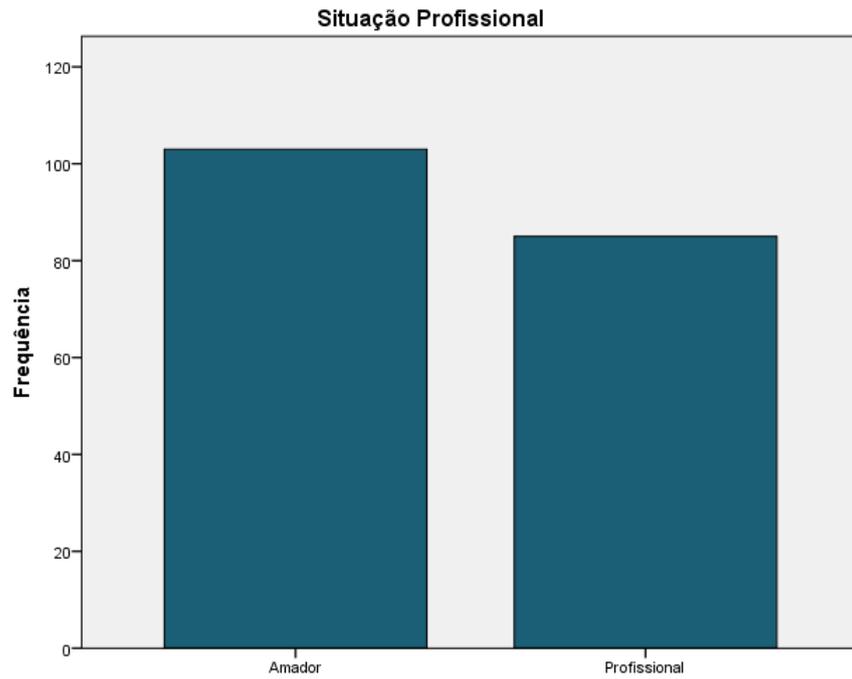
Gráfico 7 – Tempo na área



Fonte: Autora (2018)

Em relação à situação profissional dos entrevistados, foram identificados 103 indivíduos amadores e 85 indivíduos profissionais (Gráfico 8), o que nos mostra que a maioria dos indivíduos atua na cultura de forma amadora.

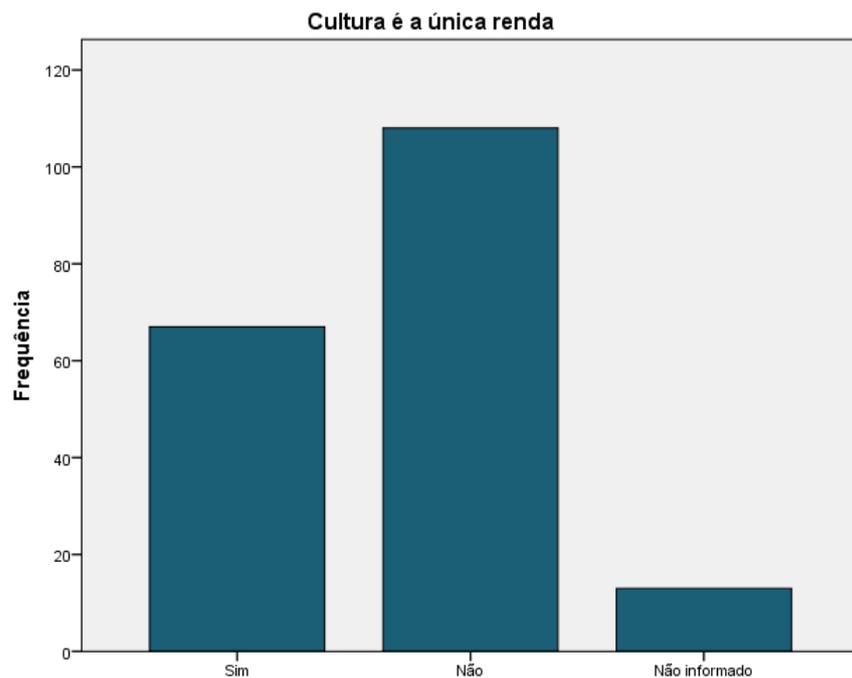
Gráfico 8 – Situação profissional



Fonte: Autora (2018)

Dos 188 entrevistados, 67 têm a cultura como única fonte de renda, enquanto 108 possuem outra fonte de renda (Gráfico 9). Os 13 indivíduos restantes não informaram.

Gráfico 9 – Cultura é a única fonte de renda

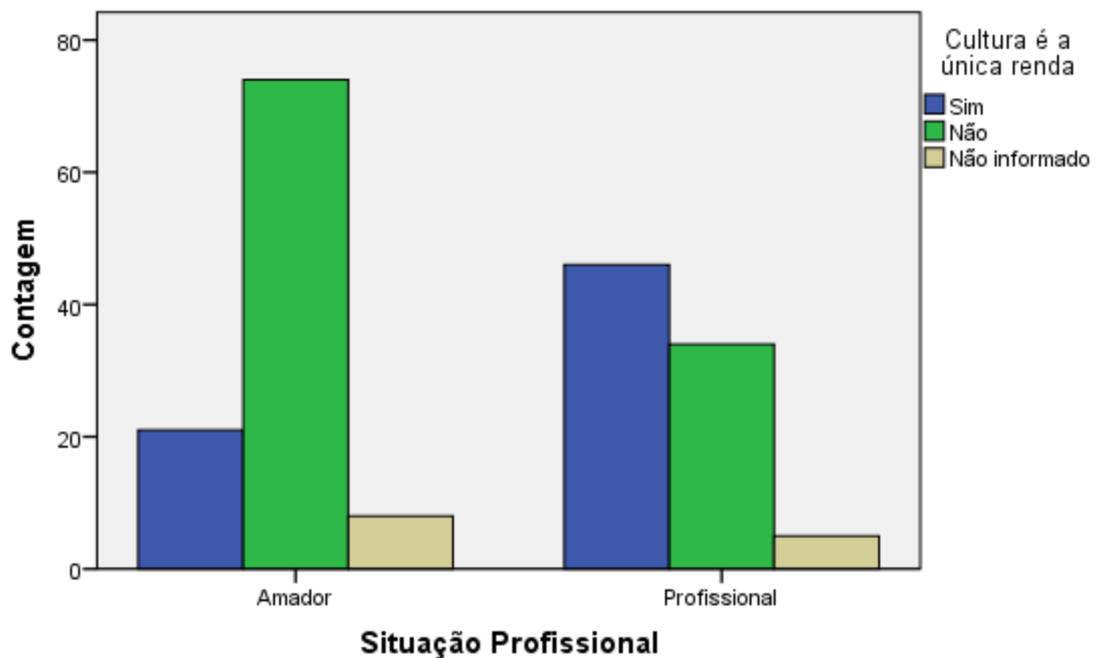


Fonte: Autora (2018)

Os dados relativos à renda dos indivíduos não foram apresentados, uma vez que muitos entrevistados não responderam a este questionamento. Percebe-se que muitos indivíduos têm receio de responder informações de cunho financeiro, o que pode justificar, em parte, a grande abstenção em relação à questão.

O Gráfico 10 demonstra a relação entre os dados sobre a situação profissional dos atores culturais e sobre a atividade cultural ser sua única fonte de renda.

Gráfico 10 – Situação profissional X Cultura como única renda



Fonte: Autora (2018)

De acordo com o Gráfico 10, 74 indivíduos atuantes como amadores e 34 indivíduos com atuação profissional na cultura não possuem a atividade cultural como única fonte de renda, o que significa que a maioria dos amadores e uma quantidade considerável de profissionais não se sustentam exclusivamente através da cultura.

Segundo Moura (2010), os indivíduos denominados amadores exercem suas ocupações de modo a satisfazer interesses pessoais, sem que tal atividade seja considerada sua principal fonte de renda ou principal fonte de aprimoramento técnico. O autor ressalta que essa concepção pode propiciar distorções do conceito de amadorismo, uma vez que este é comumente associado ao trabalho iniciante e de pouca qualidade, porém, deve ser considerado que o amadorismo pode ser uma

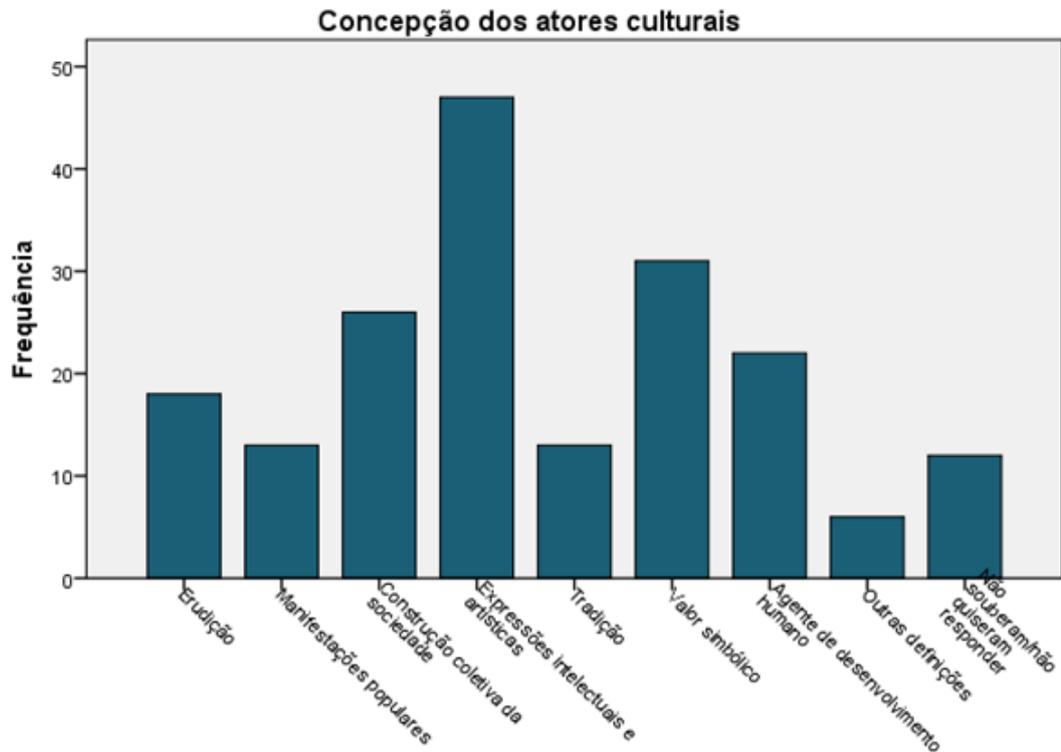
escolha do indivíduo ou até mesmo pode ocorrer devido ao fraco mercado de trabalho existente em determinadas áreas de atuação.

Sendo assim, entendemos que a atividade cultural como profissão no município ainda carece de oportunidades de qualificação profissional. Do mesmo modo, o mercado de trabalho relacionado à cultura carece de reconhecimento no município, o que pode ser identificado a partir da grande quantidade de indivíduos que possui outras fontes de renda. Nesse sentido, acreditamos que o processo histórico de desenvolvimento da cultura no Brasil, que envolveu uma carência de valorização da cultura popular (SIMÕES; VIEIRA, 2010) pode ser um dos fatores responsáveis pela falta de reconhecimento da cultura como profissão por parte de nossa sociedade e por parte dos próprios atores culturais.

Após a etapa de análise dos dados quanto ao perfil pessoal e profissional, foi realizada a análise das respostas dos indivíduos referentes ao questionamento: “O que é cultura para você?”. Utilizamos, como parâmetro, oito categorias teóricas a respeito do conceito de cultura, de acordo com o Quadro 2, desenvolvidas a partir da análise do conteúdo do capítulo de referencial teórico e apresentadas no capítulo de Metodologia, de modo a sintetizar os significados atribuídos à cultura. As categorias teóricas identificadas foram as seguintes: (1) Cultivo, (2) Erudição, (3) Manifestações populares, (4) Construção coletiva da sociedade, (5) Expressões intelectuais e artísticas, (6) Tradição, (7) Valor simbólico e (8) Agente de desenvolvimento humano.

Os resultados obtidos a partir da interpretação das respostas foram apresentados no Gráfico 11: nenhum indivíduo na categoria “Cultivo”, 18 na categoria “Erudição”, 13 na categoria “Manifestações populares”, 26 na categoria “Construção coletiva da sociedade”, 47 na categoria “Manifestações artísticas e intelectuais”, 13 na categoria “Tradição”, 31 na categoria “Valor simbólico” e 22 na categoria “Agente de desenvolvimento humano”. Por fim, foram identificadas seis respostas que não puderam ser associadas a nenhuma categoria teórica desenvolvida neste trabalho, além de 12 indivíduos que não souberam ou não quiseram responder ao questionamento.

Gráfico 11 – Concepção dos atores culturais



Fonte: Autora (2018)

A primeira categoria teórica, denominada “Cultivo”, caracterizada por perceber a cultura como uma forma de cultivo da terra, não foi identificada nas respostas. A partir da análise de trabalhos como o de Arf e Bolonhezi (2012), que define como práticas culturais aquelas relativas ao manejo do solo, como controle de podas daninhas, poda e adubação poliar, e os trabalhos de Correa e Vieira Neto (1978) e Silva et. al (2007), percebe-se que o uso do termo cultura relacionado à categoria “Cultivo” é mais comumente disseminado pelas Ciências Agrárias, cujos indivíduos possuem maior familiaridade com as atividades relativas ao cultivo da terra, o que não se aplica ao perfil dos entrevistados neste trabalho.

Entre os 18 indivíduos relacionados à categoria “Erudição”, a cultura foi associada a diversas formas de conhecimento de um povo. Segundo Sapir (2012, p. 37), o uso da cultura como erudição tem referência a “um ideal convencional de refinamento individual”. Esse ideal se baseia em parte pela experiência e conhecimento adquirido, porém, tem relação principal com “um conjunto de reações típicas sancionadas por uma classe e por uma tradição há muito estabelecida” (SAPIR, 2012, p. 37). Nesse sentido, a cultura como sinônimo de erudição tem relação com a

ideia do indivíduo culto, com certo refinamento de conduta perante a sociedade, que possui conhecimentos que foram preservados através das gerações.

É sabido que a definição de cultura relacionada à erudição teve início no século XVIII, de modo a identificar a cultura como sinônimo de civilização, a partir das ideias de progresso e pelo sentimento de afinamento dos costumes, caracterizando um processo que “arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade” (CUCHE, 1999, p. 22). A partir desta perspectiva, a cultura como sinônimo de erudição era interpretada como uma forma de cultivo do espírito e de valorização do desenvolvimento intelectual.

A partir dos estudos de Sapir (2012) e das respostas dos atores culturais associadas à categoria teórica “Erudição”, há o entendimento de que houve uma evolução do sentido inicialmente atribuído pela Escola Francesa, no século XVIII, uma vez que, entre os indivíduos que percebem a cultura como erudição, estão aqueles que a entendem como formas variadas de conhecimento e sabedoria, não necessariamente atribuídas a algum tipo de refinamento intelectual, mas também sobre experiências de vida. Como exemplos dessa relação são consideradas as seguintes manifestações:

*“Manifestação de civilização, boa convivência, realização pessoal e comunitária”.*

*“Cultura é o que começamos a aprender desde o nascimento e nunca paramos de aprender”.*

*“Conhecimento. Sem conhecimento não se adquire cultura”.*

*“Cultura é uma construção, relação de aprendizado”.*

*“Difusão de conhecimento, aproximando as pessoas”.*

*“Abrange todo conhecimento não acadêmico. Experiência de vida é um fator significativo para a construção da cultura”.*

*“É um saber do passado, do presente, do saber fazer manual, de se expressar”.*

*“Meio de conhecimento que te faz viver melhor”.*

Considerando a cultura como sinônimo de erudição, admite-se a necessidade de políticas e eventos culturais que abranjam a difusão de conhecimentos e a troca de experiências entre os indivíduos, como através de oficinas e cursos de capacitação sobre temas variados, feiras com doações e vendas de livros, exposições culturais com

trabalhos desenvolvidos pela população, bem como palestras a serem realizadas pelos grupos culturais locais, com o objetivo de apresentação de suas ações para a sociedade.

Entre os 13 indivíduos que relacionam a cultura às manifestações populares, a cultura foi percebida como formas de preservação do patrimônio artístico local, às manifestações da identidade popular, à representação de valores e costumes regionais, bem como suas tradições e festividades, às atividades associadas a povos e etnias e à moral popular.

Segundo Abreu (2003), o conceito de cultura popular teve início na Alemanha do século XVIII em oposição ao conceito francês do mesmo período, equivalente a civilização. O termo surgiu a partir da busca pela valorização da identidade cultural alemã, buscando, entre os costumes dos camponeses da época, “encontrar as marcas de uma essência diferenciadora e autêntica, o espírito coletivo de um ‘povo’ em particular, base para a construção da futura nação alemã” (ABREU, 2003, p. 4). A partir dessa perspectiva, a cultura popular pode ser concebida como “um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada” (CHARTIER, 1995, p. 179).

Resgatando o conceito para os dias atuais, podemos atribuir a noção de cultura popular aos saberes, festas e rituais de determinada região. Nesse sentido, Abreu (2003) menciona o folclore, as tradições populares, étnicas e religiosas, os carnavais, festas juninas, e outras manifestações relativas à identidade dos brasileiros. A percepção de cultura como sinônimo de manifestações populares e cultura popular pode ser compreendida a partir do conteúdo das seguintes respostas:

*“É um conjunto do conhecimento, arte, moral popular”.*

*“Manifestação de alguma atividade que tem como referência algum conceito povo/etnia, costume etc. E é capaz de produzir algum sentido e comunicar algum sentimento a outras pessoas”.*

*“Manifestação da identidade popular”.*

*“Cultura é tudo aquilo que identifica uma população. Seus costumes, tradições e festividades”.*

*“Representação de valores e costumes regionais”.*

*“É uma manifestação de um povo; uma identidade. Através da cultura que um povo se mostra ao mundo, se manifesta”.*

Considerando a cultura como um conjunto de manifestações populares, é preciso que sejam preservadas as manifestações e festividades que expressam a identidade local, através do fortalecimento e divulgação das ações, podendo ser incentivadas tanto a partir de políticas públicas como por parte da mobilização da população.

Entre os 26 indivíduos que percebem a cultura como uma construção coletiva da sociedade, a cultura foi associada à história e às manifestações históricas de um povo e aos seus usos, hábitos, costumes e mídia, aos elementos materiais e imateriais e à expressão da identidade de uma sociedade, às crenças e à produção humana, suas nuances e ancestralidades.

A cultura como sinônimo de construção coletiva da sociedade pode ser entendida, inicialmente, como todas as formas de diferenciação entre os humanos e os animais (LARAIA, 2004), uma vez que ela não tem origem em leis físicas ou biológicas (SANTOS, 1994). Nesse sentido, “a cultura é a ruptura da adesão imediata à natureza, adesão própria aos animais, e inaugura o mundo humano propriamente dito” (CHAUI, 2008, p. 56). A partir disso, o termo cultura é habitualmente utilizado por etnólogos e historiadores a fim de “dar forma a qualquer item socialmente herdado, material ou imaterial, no curso da vida humana” (SAPIR, 2012, p. 36). Nesse sentido, podemos interpretá-la como o conjunto das formas de vida dos humanos, enquanto seres sociais. São exemplos de manifestações que identificaram a cultura como uma construção coletiva da sociedade:

*“História de um povo”.*

*“Tudo que identifica um povo”.*

*“Cultura é o que move a sociedade. É a mídia, os hábitos, os costumes do cotidiano. Tudo gira em torno da cultura. Convivemos com ela a todo instante. Não vivemos sem a cultura”.*

*“Um ramo amplo no qual se podem expressar características de um povo”.*

*“Tudo aquilo que expressa a identidade de um povo”.*

*“Tudo que o homem cria, e consegue socializar com o meio que ele vive, transformando ele mesmo e as pessoas que o cercam”.*

*“É o conhecimento adquirido por nós, ao longo de nossa existência. Cultura é a arte, os costumes, as crenças de um povo”.*

*“Tudo aquilo que o ser humano produz que reflete os seus valores, seus costumes, suas crenças e sua visão de mundo”.*

*“São as manifestações humanas em todas as suas nuances e ancestralidades”.*

Acredita-se que o amplo entendimento de que a cultura representa uma construção coletiva da sociedade deve compreender não apenas as políticas culturais, como também todas as políticas públicas desenvolvidas, além de todas as nossas ações enquanto representantes de uma estrutura social. Representa a perspectiva de que todos somos parte da história humana enquanto sociedade e contribuimos de forma equivalente para que ela se desenvolva, o que representa a igualdade de direitos e deveres de todos. Isso evidencia o quão abrangente é a cultura, que representa todo o nosso desenvolvimento enquanto sociedade e deve ser considerada em todas as nossas formas de vida.

Entre os 47 indivíduos que associam a cultura às expressões intelectuais e artísticas, a cultura foi relacionada à música, artesanato, movimento afro, preservação do patrimônio e da arte, valorização dos dons e formas de demonstração de talento dos indivíduos, todas as expressões artísticas de uma sociedade, arte expressada através da alimentação, representações, formas de comunicação e expressão de sentimentos que envolvam o fazer artístico e demonstração da realidade através da fotografia.

O uso do termo cultura como sinônimo de formas de expressões artísticas e intelectuais é muito comum entre os discursos mais populares e cotidianos. Também é comum tal uso disseminado academicamente. Como exemplo, Cuche (1999) cita Bourdieu, que em seus textos retoma um sentido clássico do termo, “que remete às ‘obras culturais’, isto é, aos produtos simbólicos socialmente valorizados ligados ao domínio das artes e das letras” (CUCHE, 1999, p. 170). Sob essa perspectiva, a cultura pode ser entendida como “atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema da indústria cultural” (CANEDO, 2009, p. 6). Nesse sentido, a perspectiva dos atores culturais pode ser ilustrada a partir das seguintes respostas:

*“Movimento afro, música e artesanato”.*

*“Trabalho manual, feito com matéria-prima, que seja individualizado”.*

*“Expressão artística”.*

*“Arte”.*

*“Tudo que mistura trabalho revelado através da arte”.*

*“É a maneira com que cada indivíduo expressa a sua arte, sendo que, quando a mesma é agregada a outras, forma-se um grupo cultural”.*

*“É a forma onde expressamos nossos talentos”.*

*“É quando a pessoa expõe o que ela pensa através de objetos, cores palavras, sentimentos”.*

*“É a expressão artística, social de um determinado povo ou localidade, que representa sua forma de ser e agir artisticamente”.*

*“Manifestação artística da realidade e do momento vivido pelo ser humano, meio de expressão, comunicação, interação e identificação do homem no meio onde vive”.*

Considerando o papel da cultura como sinônimo de expressões intelectuais e artísticas, é relevante a promoção de ações que envolvam apresentações musicais, teatrais e poéticas constituídas por atores culturais locais, que representem o artesanato, a gastronomia e a arte como um todo, bem como diversos outros meios de difusão de toda a produção artística e intelectual local.

Entre os 13 indivíduos que percebem a cultura como sinônimo de tradição, a cultura foi associada à união de tradições, aos conhecimentos e expressões históricas transmitidas através das gerações e à preservação de hábitos sociais.

Sob essa perspectiva, Millán (2000) cita o estudo de Kroeber e Cluckhoholm, de 1952, pelo qual, a partir de uma extensa revisão bibliográfica, encontraram 160 definições de cultura. A partir disso, os autores formularam uma definição segundo a qual se pode considerar que o núcleo essencial da cultura são as ideias tradicionais, geradas historicamente e os valores a ela vinculados. A cultura como sinônimo de tradição se refere à ideia de regularidade e padrão, pela qual ela seria:

[...] um agregado ou, melhor ainda, um sistema coerente de pressões apoiadas por sanções, valores e normas interiorizados, e hábitos que asseguravam a repetitividade (e portanto a previsibilidade) da conduta no plano individual e a monotonia da reprodução, da continuidade no decorrer do tempo, da “preservação da tradição”, da *mêmeté*, de Ricoeur, no plano da coletividade (BAUMAN, 2012, p. 17).

Entre as percepções dos atores culturais que corroboram com esse significado de cultura, são exemplificadas as seguintes:

*“União de várias tradições”.*

*“Conjunto de costumes, valores e realidade de uma sociedade. A cultura para mim é sinônimo de "tradição". Pode ser ou não, modificada e adaptada em qualquer época histórica”.*

*“Tudo o que engloba os conhecimentos tradicionais, transmitido de geração para geração”.*

Admitindo a cultura como sinônimo de tradição é preciso que sejam criados espaços para que indivíduos ligados à preservação da memória local também tenham a possibilidade de demonstrar seu trabalho, como historiadores, fotógrafos e moradores antigos do município, contando acontecimentos sobre a cidade, suas manifestações tradicionais e seus eventos históricos de maior relevância através de oficinas e palestras e diversos outros meios de preservação da tradição local.

Entre os 31 indivíduos que percebem o valor simbólico da concepção de cultura, a cultura foi associada às escolhas individuais, àquilo que se gosta e se desenvolve com amor, ao valor que os indivíduos têm graças à execução de suas atividades profissionais, às visões de mundo, às identidades, memórias, interpretações, discursos e diálogos, aos estilos de vida, relacionamentos, valores, às formas de resistência e amor, à identificação simbólica, à valorização da vida, à magia e à alma da sociedade.

O conteúdo das respostas associadas a essa concepção demonstra que os indivíduos muitas vezes relacionam a cultura ao seu próprio sentimento e valor que atribuem à cultura, que pode simbolizar suas vidas ou meios de sobrevivência.

A cultura como um valor simbólico representa sua interpretação como “a construção ou representação simbólica apreendida pelos indivíduos, durante seu período de enculturação” (MILLÁN, 2000, p. 7) ou um “conjunto de sistemas simbólicos” (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 19). Dessa forma, as concepções de alguns atores culturais podem ser associadas à ideia de teia de significados descrita por Geertz (2008), uma vez que a cultura tem diversos significados e simboliza diversos fatores para os entrevistados. Entre as respostas, podemos citar:

*“Pessoa ser profissional em qualquer área. O homem vale pelo que tem no bolso. Tem que fazer algo”.*

*“É viver a realidade”.*

*“A cultura é minha vida. É tudo o que faço. Sem cultura não seria nada, gosto de pintar, manualidades”.*

*“Culturas... Identidades, memórias, pertencimentos... Lutas e disputas. Interpretações... Discursos e diálogos”.*

*“É como uma pessoa/sociedade interpreta o mundo (geopolítico) em determinado tempo/espaço”.*

*“É a diversidade, arte. São modos de viver e ver a vida. A cultura da voz, da força e vez. Por isso é tão importante. Cultura é sinônimo de resistência e amor. Resista!”.*

*“Cultura é a valorização da vida. É uma constante busca e incansável conquista”.*

*“Identificação comportamental, simbólica e específica de uma sociedade, e que se difere de outros costumes e/ou regiões”.*

Considerando o caráter simbólico da cultura, é importante assumir que todas as manifestações culturais são dotadas de significação para os indivíduos, representam suas memórias, suas ocupações, suas relações com os demais, suas histórias e demais representações enquanto sociedade. Nesse sentido, ações culturais, bem como políticas culturais, devem admitir que não se tratam apenas de ações isoladas, com um fim em si mesmas, mas também como ações dotadas de um valor simbólico.

Entre os 22 indivíduos que entendem a cultura como um agente de desenvolvimento humano, a cultura foi associada à educação e ao trabalho, às fontes de renda, sobrevivência e garantia de serviço, profissão, aquisição de conhecimentos sobre a realidade do país, às formas de agregar valor ao ser humano, à contestação e contraposição de ideologias, à transformação social e desenvolvimento humano, à salvação das pessoas das ruas e das drogas, à inserção do indivíduo ao meio crítico e à elevação do ser humano à aceitação de si e do próximo.

Nesse sentido, a cultura “é trabalho, ou seja, movimento de criação do sentido, quando a obra de arte e de pensamento capturam a experiência do mundo dado para interpretá-la, criticá-la, transcende-la e transformá-la” (CHAUI, 2008, p. 61). Sob essa perspectiva, pode ser considerada como um processo de criação, um trabalho que envolve a sensibilidade, a reflexão e o debate (CHAUI, 2008).

Em relação a essa concepção, alguns dos indivíduos percebem a cultura como sua forma de sustento e profissão. Infere-se que, ao ter a cultura como renda, o indivíduo também tem a oportunidade de desenvolver-se como pessoa, pois, sem a cultura, muitos deles não teriam outra fonte de renda ou meios de sustento. Relaciona-

se a isso toda a gratidão e desenvolvimento pessoal que a cultura pode proporcionar aos indivíduos a partir da profissão que pode oferecer a eles, além da reflexão e crescimento pessoal. Nesse sentido, são demonstradas as seguintes respostas:

*“É uma forma de agregar valores ao ser humano”.*

*“É arte, é inclusão social, expressão”.*

*“É uma manifestação dos artistas, onde contesta, contrapõe ideologias, políticas, é uma expressão das ideias das pessoas. É uma ferramenta de transformação da sociedade”.*

*“É todo tipo de arte que traz algum benefício à sociedade, seja ideológico ou financeiro, desde a música até o artesanato. Além disso, é também um meio de conseguir dinheiro, gera renda e para muitos é uma profissão”.*

*“Construir templos à virtude, para contribuir com o desenvolvimento humano”.*

*“É o que ocupa a pessoa, o que a faz ser criativa e despertar seu dom. Tira muitas pessoas das ruas e das drogas”.*

*“Poder transmitir algo que vai gerar mudança na vida das pessoas”.*

*“Uma forma de inserir o indivíduo a um meio crítico, onde este tenha relações nos quais possa se constituir criticamente no seu meio social. Seja através da música, filosofia, poesia, teatro...”.*

*“É toda atividade, criação ou organização, de natureza artística, criativa, utiliza como entretenimento ou educação, em prol da liberdade artística e de expressão, como também para o desenvolvimento social, a diversidade, o respeito, e a evolução humana”.*

*“Uma forma de manifestação, interação e transformação social”.*

*“Para mim, cultura é o espaço onde diversos grupos diferentes interesses, visões e ideologias podem se manifestar livre de preconceito com propósito de levar diversidade e o conhecimento para dentro de um local específico ou comunidade, a fim de abrir a cabeça para novas ideias e perspectivas”.*

*“É uma forma de sair da realidade e formar a vida menos difícil”.*

Concebendo a cultura como um agente de desenvolvimento humano, admite-se a necessidade de criação de espaços e promoção de ações que visem à inclusão social e a possibilidade de desenvolvimento de potencialidades individuais. A partir dessa perspectiva, as políticas culturais devem admitir o caráter transformador da cultura.

Por fim, foram identificados seis indivíduos cujas respostas não puderam ser associadas às categorias teóricas, o que confirma a diversidade de significados que podem ser atribuídos pelos indivíduos a respeito do termo cultura, bem como a sua complexidade, entre elas:

*“Engloba vários conceitos”.*

*“Conjunto de conceitos”*

*“Algo que está na raiz da sociedade, e que podem existir vários tipos num mesmo local”.*

*“Importante, gratificante”.*

Cabe destacar o conteúdo de duas respostas, identificadas a seguir, responsáveis por identificar a cultura como sinônimo de lazer, o que não foi identificado entre as oito categorias teóricas desenvolvidas através desta pesquisa:

*“Lazer”.*

*“Momento de diversão, distrair a vida”.*

Segundo Dumazedier, o lazer:

“É um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais” (DUMAZEDIER, 1999, p. 34).

De acordo com Almeida e Gutierrez (2011, p. 148), o lazer “surge da necessidade de socialização, divertimento e busca de prazer com seus pares”. Os autores afirmam que ele abrange:

[...] A possibilidade de encontros em bares e restaurantes; o aumento dos locais para divertimento, como parques temáticos; o crescimento do turismo e de formas alternativas de se viajar; os locais para prática de atividade física que aumentaram significativamente nos últimos anos, como as academias e parques; as escolinhas de esporte como mais uma opção para as crianças; os acampamentos de férias e locais onde os jovens podem ir sem os pais; o uso da Internet como forma de lazer; os jogos eletrônicos [...] (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011, p. 148).

Além de ter como funções o descanso, o divertimento e o entretenimento, o lazer também tem a importante função de incrementar a cultura popular ao possibilitar aos indivíduos a manifestação de ações e a produção de ícones representativos a suas

identidades e memórias (DUMAZEDIER, 1999). Sendo assim, percebemos que as atividades relacionadas ao lazer são práticas culturais desenvolvidas pelos indivíduos em sociedade, o que permite que o termo seja associado ao significado de cultura, conforme percebido pelos entrevistados. Nesse sentido, também é adequado entender que políticas culturais possam promover o entretenimento e lazer da população.

Muitos indivíduos responderam de modo a associar a cultura a mais de um conceito teórico sobre o termo, o que pode ser explicado ao considerarmos que a cultura “evoca interesses multidisciplinares” (CANEDO, 2009, p. 1), ou seja, é estudada através de diversas áreas e a partir de enfoques variados. Para a organização dos dados, optou-se por identificar as respostas à categoria teórica predominante, porém são indicadas a seguir as respostas que possibilitariam mais de uma interpretação:

*“Diversidade de ações que elevam o ser humano a um patamar de sociedade, educação e aceitação de si e do próximo”* (Erudição e Agente de desenvolvimento humano).

*“É toda expressão histórica passada através das gerações, sejam elas musicais, esculturais, livros, escritas etc. E que representam de forma artística costumes, história ou entretenimento de um povo”* (Tradição e Expressões intelectuais e artísticas).

*“Tudo que caracteriza a sociedade, incluindo a música, costumes e patrimônios etc.”* (Construção coletiva da sociedade e Expressões intelectuais e artísticas).

*“É toda atividade, criação ou organização, de natureza artística, criativa, utiliza como entretenimento ou educação, em prol da liberdade artística e de expressão, como também para o desenvolvimento social, a diversidade, o respeito e a evolução humana”* (Expressões intelectuais e artísticas e Agente de desenvolvimento humano).

*“É o conhecimento adquirido por nós, ao longo de nossa existência. Cultura é a arte, os costumes, as crenças de um povo”* (Erudição e Construção coletiva da sociedade).

*“Tudo que envolve arte, conhecimento e tradição de um povo”* (Expressões intelectuais e artísticas e Tradição).

*“É todo tipo de arte que traz algum benefício à sociedade, seja ideológico ou financeiro, desde a música até o artesanato. Além disso, é também um meio de conseguir dinheiro, gera renda e para muitos é uma profissão”* (Expressões intelectuais e artísticas e Agente de desenvolvimento humano).

*“É arte, é inclusão social, expressão”* (Expressões intelectuais e artísticas e Agente de desenvolvimento humano).

Percebe-se que, mesmo que diversos, os significados atribuídos à cultura são inter-relacionados e que, juntos, corroboram para a construção da palavra, uma vez que seu processo histórico de desenvolvimento tem origem em um termo que, por si só, possui significados diversos: “a raiz semântica *colere*” (CANEDO, 2009, p. 1). De forma semelhante, foi possível identificar nas respostas a gratidão e o amor que os indivíduos possuem por suas ocupações na área cultural. A respeito desses atores culturais, são destacadas as seguintes respostas:

*“É uma forma de sair da realidade e tornar a vida menos difícil”*

*“É a diversidade, arte. São modos de viver e ver a vida. A cultura da voz, da força e vez, por isso é tão importante. Cultura é sinônimo de resistência e amor. Resista!”*.

*“A cultura é minha vida. É tudo o que faço. Sem cultura não seria nada. Gosto de pintar, manualidades”*.

*“Sustento de minha família. O que me dá prazer”*.

*“É tudo o que você faz com carinho e gera gratidão. É o que me mantém ocupada, ativa e feliz. Faço minhas ‘coisinhas’ por gosto e, melhor do que ganhar dinheiro é ver que a outra pessoa gostou do meu trabalho”*.

A percepção dos atores culturais de Lavras é um dos fatores que confirma a diversidade e complexidade inerente à cultura, objeto de estudo de diversos trabalhos (CUCHE, 1999; CANEDO, 2009; BAUMAN, 2013). Considerando serem os atores culturais uma parcela significativa da sociedade, detentora de direitos, é necessário o desenvolvimento de políticas públicas específicas para o atendimento das demandas desses indivíduos.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da busca por uma democracia cultural (ou cidadania cultural) na gestão da cultura, que, de acordo com Canedo (2008, p. 43), “é uma concepção de gestão das ações para o setor que entende que a população é o alvo das políticas públicas e a maior conhecedora de suas reais

necessidades”. Sendo assim, ao analisarmos qual o pensamento dos atores culturais de determinada localidade, poderemos fornecer alguns elementos necessários para uma gestão cultural de qualidade, que atenda, de fato, aos anseios da cadeia produtiva de cultura da qual fazem parte.

As concepções de cultura também são importantes no auxílio à elaboração e desenvolvimento de uma política cultural. Segundo Rubim (2007), a definição de cultura inerente à política cultural tem reflexos sobre a sua abrangência. O autor afirma que, em toda política, também há uma concepção privilegiada sobre cultura e, entende-la é importante para o estudo do campo:

A amplitude do conceito de cultura utilizado não apenas delinea a extensão do objeto das políticas culturais, mas comporta questões a serem enfrentadas por tais políticas, como as conexões pretendidas e realizadas entre modalidades de cultura, sejam elas: erudita, popular e midiática ou local, regional, nacional, macrorregional e global. Em um estágio societário em que tais conexões entre modalidades de cultura tornam-se recorrentes, a concepção de cultura inscrita nas políticas culturais adquire um lugar analítico relevante. (RUBIM, 2007, p. 149).

Do mesmo modo, a amplitude do conceito de cultura e a diversidade de percepções a seu respeito são alguns dos fatores responsáveis por atribuir uma fragilidade na definição do que seriam os direitos culturais. Tal fragilidade contribui com a dificuldade em assegurar esses direitos aos indivíduos (SILVA; MELLO, 2017). Nesse sentido, a diversidade de concepções relativas ao conceito de cultura deve ser considerada na elaboração das políticas culturais, uma vez que podem servir como ponto de partida para a definição dos direitos culturais e da amplitude das políticas.

Para que a percepção dos indivíduos seja considerada, entendemos que deve haver uma busca pela democratização do acesso às políticas públicas culturais, de modo a reduzir a predominância de certas concepções de cultura em detrimento de outras na elaboração dessas políticas. Do mesmo modo, o desenvolvimento de ações culturais por parte da sociedade é justificado, uma vez que há o entendimento que “o Estado é produto da cultura e não produtor de cultura” (CHAUÍ, 2008, p. 64). Isso significa que o poder público deve assegurar ao cidadão o direito ao acesso às obras culturais e à criação de tais obras, além do direito de participação na decisão sobre as políticas na área cultural (CHAUÍ, 2008).

Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela ideia de cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, entretenimento, aos padrões do mercado, a oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque no exercício do direito a cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUÍ, 2008, p. 66).

Segundo Canedo (2008), há pouca sensibilização por parte dos gestores públicos em relação à democracia cultural. A autora afirma que a cultura, nas limitadas oportunidades em que é discutida nas plataformas de governo, abrange somente as necessidades de lazer da população, algo que se torna mais grave no que tange aos governos municipais, uma vez que há poucos órgãos específicos para a cultura, que por sua vez enfrentam escassez de recursos físicos, humanos e financeiros. Percebe-se que a carência de visibilidade da cultura em meio à gestão pública se apresenta como um dos obstáculos à busca pela democracia cultural. Sendo assim, é necessário que a população seja envolvida nesse processo de reconhecimento dos atores culturais para que o poder público considere a necessidade do reconhecimento da cultura como política e como demanda da população.

A importância da cultura para o desenvolvimento local também pode ser considerada como um dos fatores que justificam o reconhecimento e a valorização dos atores culturais. Na atualidade, a globalização vem modificando o valor atribuído às manifestações culturais tradicionais, uma vez que não há a valorização do que se encontra em um contexto dinâmico (LÓSSIO; PEREIRA, 2007). Ou seja, com a produção dinâmica de tudo o que é consumido pela população, incluindo os bens culturais, em um meio pelo qual há a sempre a busca pela renovação e mudança para chamar a atenção dos consumidores, as formas tradicionais acabam sendo afetadas nesse processo, perdendo seu valor perante a sociedade. Nesse sentido, a cultura popular deve ser pensada a partir da perspectiva de desenvolvimento local, “considerando a vertente da geração de emprego, renda e negócios” (LÓSSIO; PEREIRA, 2007, p. 4).

Existem estudos que demonstram a importância da valorização de manifestações culturais para o desenvolvimento local (MENDES; SILVA, 2017). A partir de um estudo com artesãos do município de Machados – PE verificou-se que as práticas artesanais “são de grande importância tanto para o município quanto para os

artesãos envolvidos, pois além da geração de renda, promovem melhoras nas condições de vida social e pessoal” (MENDES; SILVA, 2017, p. 1). Apesar de obstáculos à visibilidade no município, o artesanato possibilita o crescimento em âmbito cultural e econômico para os artesãos, caracterizando-se como uma alternativa de desenvolvimento local.

Quaisquer que sejam as dimensões da cultura na contemporaneidade, parece inquestionável ter que se reconhecer a transversalidade da cultura pela economia. Fenômenos como a crescente mercantilização da arte e as novas teses sobre o papel da cultura no desenvolvimento econômico, os usos e empregos da cultura para as mais diversas finalidades, até alcançar às especificidades da cultura como campo de produção, mercado e consumo de bens e serviços, são indicadores que preconizam que a economia da cultura é um campo promissor (ARAÚJO, 2013, p. 4).

Considerando a importância da economia da cultura para o desenvolvimento local, também deve ser ressaltada a necessidade de profissionalização, que deve ser considerada não somente para aqueles que produzem a cultura diretamente, como também para todos aqueles envolvidos com a gestão da cultura, tanto através do setor público, quanto do setor privado. A profissionalização tem o papel de melhorar a qualidade da produção cultural, além de proporcionar uma emancipação dos indivíduos para que não haja uma dependência em relação ao Estado ou ao Mercado. Afinal, o trabalho “é um meio de acesso a uma fonte de rendimento, mas também de integração e coesão social, de satisfação, realização pessoal e sentimento de autonomia individual” (MACIEL; MARQUES, 2008, p. 34). Em outras palavras, a profissionalização em cultura só tem a beneficiar os atores culturais e, conseqüentemente, a sociedade.

Visando o desenvolvimento de uma democracia cultural no município de Lavras, há atualmente uma mobilização pela construção do Sistema Municipal de Cultura. No ano de 2017 ocorreu a primeira Conferência Municipal de Cultura em Lavras, entre os dias 16 a 18 de maio, pela qual, após debates e reflexões, foram eleitos os representantes do Conselho Municipal de Cultura. A partir da construção do Sistema Municipal de Cultura e do desenvolvimento de ações culturais, espera-se que haja uma maior visibilidade e valorização da cultura no município, favorecendo a criação de espaços para a profissionalização dos atores culturais e possibilitando que a atividade cultural seja valorizada como uma profissão.

Sendo assim, acredita-se que o investimento no protagonismo dos atores culturais nas ações culturais do município é o primeiro passo para que haja o reconhecimento e a valorização da cultura na localidade, tanto por parte do poder público como por parte da sociedade. Isso pode auxiliar na reversão da situação de pouca valorização dos atores culturais e carência de recursos destinados à cultura no município.

Considerando o caráter polissêmico da cultura, julgamos adequado que as variadas concepções a respeito da cultura sejam consideradas nos eventos culturais, de modo que tal diversidade de concepções seja demonstrada e trabalhada. Acredita-se também que muitas alternativas para o desenvolvimento da cultura em Lavras podem ser feitas a partir de uma parceria entre o meio acadêmico, representado pelos projetos de extensão universitária, o poder público, representado pela gerência de cultura, e a sociedade civil, representada por todos os cidadãos.

Acredita-se que a promoção de eventos culturais que abranjam as mais diversas concepções de cultura constitui-se como um importante fator de promoção do desenvolvimento local, na medida em que são criados espaços para que ocorra o comércio dos bens culturais produzidos, a divulgação do trabalho dos atores culturais, proporcionando oportunidades de emprego e a construção de conhecimentos para a profissionalização dos atores, através da troca de experiências. Além disso, a visibilidade cultural do município também serve como fator de desenvolvimento do turismo na região.

## 5 CONCLUSÃO

Através do desenvolvimento deste trabalho, foram analisadas as concepções teóricas acerca do conceito de cultura, o que nos permitiu identificar a cultura como um termo com um longo e complexo processo de desenvolvimento que, conseqüentemente, lhe atribuiu um caráter polissêmico. Também foi identificado, de forma sucinta, o histórico do desenvolvimento das políticas culturais no Brasil, pelo qual visualizamos uma carência de investimentos públicos e de participação social ao longo dos anos no país. Como parâmetro para a pesquisa, foram desenvolvidas oito categorias teóricas a respeito de cultura, baseadas nas concepções acadêmicas anteriormente apresentadas. Por fim, foi identificado o perfil dos atores culturais do município de Lavras e conhecida a percepção dos mesmos a respeito do conceito de cultura, que se apresentou como um importante fator para o desenvolvimento de uma gestão democrática e um bom planejamento das ações relacionadas à cultura em uma localidade.

Consideramos que o problema de pesquisa “quais significados e sentidos atribuídos ao termo cultura podem ser identificados pelos atores culturais no município de Lavras?” foi respondido, uma vez que identificamos, a partir da análise dos questionários, que os atores culturais de Lavras entendem a cultura não somente como uma forma de expressão artística e intelectual, como também a percebem como sinônimo de erudição, manifestações populares, construção coletiva da sociedade, tradição, valor simbólico e agente de desenvolvimento humano, compreendendo as categorias teóricas desenvolvidas nesta pesquisa. Também foi verificado que a cultura pode ser associada ao lazer, o que nos confirma a infinidade de significados que a cultura pode exprimir.

Considerando a complexidade da cultura, verificamos que as políticas culturais a serem desenvolvidas também deverão ser fruto de uma complexa análise para sua elaboração, uma vez que a percepção dos indivíduos sobre o que se espera da cultura pode assumir os mais variados contextos. É nesse sentido que se faz importante que na formulação e na execução de políticas públicas culturais seja priorizada a busca pelo estudo dos significados de cultura e sobre quais significados e vertentes serão focadas em sua construção.

Sendo assim, cabe destacar a importância da promoção da valorização dos atores culturais do município, uma vez que são sujeitos de direito e contribuem para o desenvolvimento local, preservam a tradição cultural e representam a identidade e a história local, além do fato de serem os mais indicados para contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas culturais na localidade, uma vez que estão inseridos na realidade cultural do município e a vivenciam diariamente.

Nesse sentido, é necessário que sejam criados meios para a participação na construção de políticas públicas e demais ações culturais. Ao valorizar os atores culturais, o poder público investe na valorização da cadeia produtiva de cultura, podendo gerir políticas que atendam aos anseios da população e, dentro dela, todos os envolvidos ao meio cultural, que por sua vez contribuem para a riqueza e pluralidade cultural na localidade, além de proporcionar um desenvolvimento local, gerando renda e oportunidades para a população.

Neste processo, percebemos a relevância do trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão intitulado “Mapeamento Cultural do Município de Lavras” da Universidade Federal de Lavras, que localiza os atores culturais do município, coleta seus dados e os lança no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais, SNIIC, do Ministério da Cultura. O projeto, ao cumprir com o seu papel como extensionista, aproximando a comunidade acadêmica à comunidade lavrense, também auxilia na identificação e valorização desses indivíduos, além de sua rica contribuição para o desenvolvimento de conteúdo acadêmico para beneficiar a sociedade e contribuir para a formação dos integrantes do grupo. Acrescenta-se que a troca de experiências entre todos os envolvidos é fundamental durante a execução das atividades.

Acredita-se que, após o mapeamento dos atores culturais de Lavras, muitas ações podem ser desenvolvidas de modo a colaborar para o aprimoramento da cadeia produtiva de cultura, por meio da divulgação das ações dos atores culturais, palestras e coleta de dados para as políticas culturais em Lavras. Como consequência, também pode haver contribuições futuras para o desenvolvimento econômico e social do município, na medida em que a atividade cultural passa a ganhar visibilidade e investimentos, motivando reconhecimento por parte do poder público e da sociedade.

Esperamos ter contribuído também para que novos trabalhos relacionados a esta pesquisa sejam desenvolvidos futuramente e que novas contribuições sejam

fornecidas para o desenvolvimento da cultura em Lavras. Os dados contidos nos questionários podem, como exemplo, ser analisados ainda de modo a identificar os aspectos positivos e negativos da cultura de Lavras a partir da perspectiva dos atores culturais, bem como o perfil desses indivíduos pode ser ainda analisado separadamente, de acordo com suas áreas de atuação no setor cultural, proporcionando conclusões mais específicas sobre a realidade de cada área de atuação.

Por fim, ressaltamos que a análise da percepção dos atores culturais e a aproximação com esses indivíduos representa um trabalho muito gratificante. Ao analisarmos suas percepções, nos emocionamos junto com eles e conseguimos visualizar a importância da cultura na vida de cada um. Afinal, para muitos, ela representa uma fonte de renda, um meio de inclusão e transformação social e de difusão de conhecimento. Sendo assim, cabe a nós, integrantes da sociedade, atribuir o devido reconhecimento à cultura e a sua gestão para que esses atores também tenham sua devida valorização, gerando maiores oportunidades de trabalho, profissionalização, desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, afinal, a cultura não é só produzida, mas também consumida, disseminada e transmitida através das gerações.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, M.; SOIHET, R. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ARAÚJO, S. S. Espaços, práticas e consumo de cultura e entretenimento pela juventude de Salvador no bairro do Rio Vermelho. **Interfaces Científicas, Humanas e Sociais**, v. 1, n. 2, p. 33-43, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/474>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

ARF, O.; BOLONHEZI, A. C. **Apostila de agricultura geral**. Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Ilha Solteira, 2012. Disponível em: <<http://www.feis.unesp.br/Home/departamentos/fitotecniatecnologiadealimentosesocioeconomia716/orivaldoarf/apostila-agricultura-geral-2012.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2018.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Lavras, MG. 2013. Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/lavras\\_mg](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/lavras_mg)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC)**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://sniic.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

CALABRE, L. Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura - ENECULT**, 3., Salvador. 2007. Disponível em: <[http://www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/calabre\\_1\\_politicas\\_culturais\\_no\\_brasil\\_balanco\\_e\\_perspectivas.pdf](http://www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/calabre_1_politicas_culturais_no_brasil_balanco_e_perspectivas.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CALABRE, L. Relação Estado e Cultura. In: SECRETARIA DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO. **Curso de Formação de Gestores Públicos e Agentes Culturais**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/curso-gestores-agentes/estado-e-cultura-gestores>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

CANEDO, D. P. **Cultura, democracia e participação social**: um estudo da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia, 2008. Dissertação (Pós-graduação em

Cultura e Sociedade)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10590>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CANEDO, D. P. Cultura é o quê?: Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura - ENECULT**, 5., Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia. In: **Crítica y emancipación**, p. 53-76, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ojs/index.php/critica/article/view/195>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

CORREA, H.; VIEIRA NETO, J. C. **Aspectos agrônômicos da cultura da mandioca**. ESAL. Lavras, 1978. Disponível em: <<http://www.sidalc.net/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=catalco.xis&method=post&formato=2&cantidad=1&expresion=mfn=035511>>. Acesso em: 09 mai. 2018.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 1 ed. Bauru: EDUSC, 1999.

CULTURA E HUMANIDADES. **O que é cultura?** A concepção de Clifford Geertz. Youtube, 26 jun. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EmUvgiTGg40>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lavras/panorama>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

JORNAL DE LAVRAS. **Pátio da Casa da Cultura de Lavras**. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=18337&catn=1>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LAVRAS.TV. Tradicional feira da ALAC. 2016. 1 Fotografia. Disponível em: <<http://lavras.tv/site/2016/12/21/feira-de-artesanato-abre-em-edicao-especial-de-natal/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

LAVRAS 24 HORAS. **Jornada do Patrimônio Cultural**: Conheça os bens tombados de Lavras, 2009. Disponível em: <<http://www.lavras24horas.com.br/portal/jornada-do-patrimonio-cultural-conheca-os-bens-tombados-de-lavras/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Mauss. In: **Sociologia e Antropologia**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LÓSSIO, R. A. R.; PEREIRA, C. de M. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. **Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura**, 3, 2007.

MACIEL, D. MARQUES, A. C. Do ganha-pão à valorização pessoal: a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos. **Working Paper**, 43, p. 1-36. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. 2008. Disponível em: <[https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/718/1/CIES-WP43\\_Marques%20e%20Maciel\\_.pdf](https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/718/1/CIES-WP43_Marques%20e%20Maciel_.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MAIA, J. M. E; PEREIRA, L. F. A. **Pensando com a sociologia**. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENDES, E. A. de M.; SILVA, M. Z. T. da. A prática artesanal em Machados (PE) e o desenvolvimento local. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 1, n. 20, p. 14, 2017. Disponível em: <[http://www.ppgds.unimontes.br/rds/index.php/desenv\\_social/article/view/289](http://www.ppgds.unimontes.br/rds/index.php/desenv_social/article/view/289)>. Acesso em: 08 mai. 2018.

MILLÁN, T. R. A. Para comprender el concepto de cultura. **UNAP Educación y desarrollo**, Victória, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2000. Disponível em: <[http://sanchezlengerke.com/mediateca/ova/ucm/dvd1/PLANEACION/CD/paq4/pdf/Austin\\_El\\_concepto\\_de\\_cultura.pdf](http://sanchezlengerke.com/mediateca/ova/ucm/dvd1/PLANEACION/CD/paq4/pdf/Austin_El_concepto_de_cultura.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MOURA, G. G. A. De quem é a cena: a regulamentação do exercício dos atores amadores e profissionais no Brasil. In: **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura - ENECULT**, 6., Salvador. 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24850.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

PONTES, M. M. Zygmund Bauman e o conceito de cultura. OPSIS, Catalão, v. 14, n. 2, p. 425-429, 2014. Resenha de: BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS. **História de Lavras**. Disponível em: <<http://pml.lavras.mg.gov.br/conteudo/texto/1313>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

ROMÃO NETTO, J. V. Gestão de políticas de cultura e qualidade da democracia: São Paulo, 10 anos de um modelo ainda em construção. **Revista de Administração Pública**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 1011-1037, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v49n4/0034-7612-rap-49-04-01011.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

RUBIM, A. A. C. Políticas culturais entre o possível e o impossível. In: NUSSBAUMER, G. M. (org.) **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2007, p 139-158. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/139/4/Teorias%20e%20políticas%20da%20cultura.pdf#page=141>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

RUBIM, A. A. C. Políticas culturais no Primeiro Governo Dilma: patamar rebaixado. In: RUBIM, A. A. C.; BARBALHO, A. A.; CALABRE, L. **Políticas culturais no governo Dilma**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 11-31. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18069>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGrawHill, 2013.

SANTANA, M. S. de. **Cultura e política cultural: concepção de cultura nas políticas culturais do governo Lula (2003-2010)**. 2013. Dissertação (Pós-graduação Sociologia)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11747>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAPIR, E. Cultura: autêntica e espúria. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 35-60, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752012000400035](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752012000400035)>. Acesso em: 10 mai. 2018.

SILVA, S. B. A institucionalização de organismos culturais no Estado Novo: pontos para reflexão. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 52-58, 1995. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003188/05a86ec89c3165d298c56d1be2b77ec5>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

SILVA, F. M. et al. Variabilidade espacial de atributos químicos e de produtividade na cultura do café. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.37, n.2, p. 401-407, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v37n2/a16v37n2>>. Acesso em: 09 mai. 2018.

SILVA, P. G. da; MELLO, S. C. B. de. Ministério da Cultura ou Ministério da Educação: qual o papel do Estado na cultura?. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 57-73, 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/viewFile/16723/13304>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SIMÕES, J. M.; VIEIRA, M. M. F. A influência do Estado e do mercado na administração da cultura no Brasil entre 1920 e 2002. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 215-237, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6923>>. Acesso em: 15 out. 2017.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TORRES, G. N. **Casa da Cultura**: 172 anos de passado e história que marcaram Lavras. Disponível em: <<http://historiadelavras.blogspot.com.br/2014/04/casa-da-cultura-172-anos-de-passado-e.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Biblioteca Universitária. **Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos**: TCCs, monografias, dissertações e teses. 2. ed. rev., atual. e ampl. Lavras, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11017>>. Acesso em: 02 de ago. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Coordenadoria de Museus e Patrimônio Histórico**. Disponível em: <<http://www.proec.ufla.br/site/setor-de-museus/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 15 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

## ANEXO A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ATORES INDIVIDUAIS

Nº	Responsável pelo preenchimento	Instituição
----	--------------------------------	-------------

### Mapeamento de Cultura – Lavras, MG

#### Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço Residencial: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

WhatsApp: ( ) \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Email Pessoal: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

Estado Civil: \_\_\_\_\_ Número de Filhos: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Você se identifica como: ( ) Branco ( ) Preto ( ) Pardo ( ) Indígena ( ) Amarelo

#### Dados Profissionais

Nome artístico: \_\_\_\_\_

CPF/CNPJ: \_\_\_\_\_

Endereço Profissional: \_\_\_\_\_

Email Profissional: \_\_\_\_\_

Renda: ( ) Acima de R\$9.745,00  
( ) de R\$7.475,00 a R\$9.745,00  
( ) de R\$1.734 a R\$7.475,00  
( ) de R\$1.085,00 a R\$1.734,00  
( ) de R\$0,00 a de R\$1.085,00  
( ) Não Informado

#### Questionário

Exerce atividades na área de cultura como: ( ) Profissional ( ) Amador

Se Profissional, possui empresa? ( ) Sim ( ) Não Se sim, quantos funcionários? \_\_\_\_\_

Única fonte de renda é proveniente de sua atuação cultural? ( ) Sim ( ) Não

Possui formação na área de cultura? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, onde? \_\_\_\_\_

O que é cultura para você? \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na área de cultura: \_\_\_\_\_

Área de atuação:

Antropologia;	Fotografia
Arqueologia;	Gastronomia;
Arquitetura-Urbanismo;	Gestão Cultural;
Arquivo;	História;
Arte Digital;	Jogos Eletrônicos;
Arte de Rua;	Jornalismo;
Artes Visuais;	Leitura;
Artesanato;	Literatura;
Audiovisual;	Livro;
Cinema;	Meio Ambiente;
Circo;	Moda;
Comunicação;	Museu;
Cultura Cigana;	Mídias Sociais;
Cultura Digital;	Música;
Cultura Estrangeira (imigrantes);	Novas Mídias;
Cultura Indígena;	Outros;
Cultura LGBT;	Patrimônio Imaterial;
Cultura Negra;	Patrimônio Material;
Cultura Popular;	Pesquisa;
Dança;	Produção Cultural;
Design;	Rádio;
Economia Criativa;	Saúde;
Direito Autoral;	Sociologia;
Educação;	Teatro;
Esporte;	Televisão;
Filosofia;	Turismo

A sua participação em ações culturais tem sido por meio de:

- ( ) Feiras ( ) Seminários  
( ) Festivais ( ) Debates  
( ) Festas Populares ( ) Encontros

Qual(s).....

Outros .....

Informe os pontos positivos e negativos da cultura de Lavras identificados por você: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Está ligado a algum Grupo e/ou Instituição? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

Se sim, qual a função exercida? \_\_\_\_\_

Responsável pelo Grupo: \_\_\_\_\_

Contato: ( ) \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Autorizo a divulgação dos dados no SNIIC .....